



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

Comissão Extraordinária de Apoio ao Desenvolvimento do Turismo, do
Lazer, da Gastronomia, da Hospitalidade e dos Eventos

PRESIDENTE: GILBERTO NASCIMENTO

TIPO DA REUNIÃO: Audiência Pública
LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo
DATA: 30 de Setembro de 2025

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Orador não identificado
- Manifestação fora do microfone

21380

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) – Na qualidade de membro da Comissão Extraordinária de Apoio ao Desenvolvimento do Turismo, do Lazer, da Gastronomia, da Hospitalidade e dos Eventos, declaro aberta a audiência pública semipresencial.

A pauta de hoje é o Carnaval de Rua no município de São Paulo, realizada em atendimento ao Requerimento nº 11 de 2025, de autoria do Vereador Nabil Bonduki.

Informo que esta audiência pública está sendo transmitida ao vivo pelo portal da Câmara Municipal de São Paulo, no endereço www.saopaulo.sp.leg.br/transparencia/auditorios-online/auditorio-virtual; pela Rede Câmara SP, canal digital 8.3; e pelos canais da Câmara Municipal de São Paulo no YouTube e no Facebook.

Foram convidados para esta audiência o Sr. José Antônio Silva Parente, o “Totó Parente”, Secretário Municipal de Cultura e Economia Criativa; o Sr. Gustavo Garcia Pires, Presidente da SPTuris; e o Sr. Enrico Misasi, Secretário-Chefe da Casa Civil da Prefeitura de São Paulo.

Gostaria de perguntar se há algum representante das secretarias ou das empresas presentes. (Pausa) Não temos nenhum representante.

Como não desejo permanecer sozinho à mesa e por considerar este encontro uma espécie de roda de conversa para discutirmos o Carnaval de Rua, peço que os representantes das diversas articulações de blocos aqui presentes venham à frente.

Quais articulações estão presentes?

Vejo o representante do Arrastando Bloco; por favor, aproxime-se. O Fórum de Blocos também com um representante. Convido também a Sra. Salete Campari para compor a Mesa. Podem se acomodar. Estamos aguardando para ver se algum outro vereador estará presente. Convidamos também o nobre Vereador Silvão Leite, que apresentou um Projeto de Lei, e a nobre Vereadora Silvia da Bancada Feminista, que coordenou uma frente do Carnaval de Rua, representada pelo Sr. Lourival Aguiar. Pode sentar-se à mesa também. Temos ainda a União dos Blocos de Carnaval de Rua do Estado de São Paulo, a UBCRESP, e a Liga dos Blocos.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: **21380** DATA: **30/09/2025** FL: **2** DE 49

Posteriormente, cada um fará sua apresentação para que não percamos tempo neste início, uma vez que muitas pessoas desejarão falar. A ideia é que possamos dar a palavra a todos.

Inicialmente, falarei de forma breve sobre o projeto de lei que elaborei em 2016. Como os companheiros sabem, tivemos um grande crescimento do Carnaval de Rua em São Paulo durante a Gestão Haddad. Naquele período, o evento ganhou uma dimensão muito significativa. Em 2015 e 2016, como Secretário de Cultura, coordenei a organização do Carnaval. Foi um momento de grande expansão: passamos de aproximadamente 40 blocos em 2013 para quase 400 em 2016, um momento de grande crescimento dos blocos.

Nosso objetivo era garantir a infraestrutura por parte da Prefeitura, enquanto os blocos ficavam responsáveis por organizar os desfiles, dentro de um planejamento dialogado. Quando retornei à Câmara, em abril de 2016, trabalhamos para que esse processo, que ocorria via decreto e por ação do Executivo, fosse regulamentado por lei. O intuito era transformar o Carnaval de Rua em uma política de Estado, garantindo estabilidade e continuidade, independentemente da gestão de governo.

Uma política de Estado é uma política permanente que possui continuidade, para que possamos ter estabilidade no processo de organização de eventos como o Carnaval de Rua e outros programas importantes na cidade. A Secretaria de Cultura, particularmente, possui muitos programas de Estado, porque muitos deles foram regulamentados por lei. Refiro-me a iniciativas como o fomento ao teatro e à dança, além de diversos outros programas que permanecem ativos estão legalmente amparados. Não são projetos que começam e terminam com uma única gestão, pois permanecem. Nesse sentido, o Carnaval de Rua certamente se caracteriza como uma ação de Estado.

Portanto, hoje, precisamos que o Carnaval de Rua tenha uma regulamentação para que possa se manter fundamentado em princípios claros, voltados a um carnaval democrático, livre, gratuito e que sirva como um instrumento para que possamos exercer a cidadania cultural. Gostaria de convidar a nobre Vereadora Keit Lima para compor a Mesa.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: **21380** DATA: **30/09/2025** FL: **3** DE 49

Não entrarei em todos os detalhes do Projeto de Lei, pois acredito que muitos aqui já o conheçam. Posteriormente, se desejarem, poderemos avançar nos esclarecimentos sobre a maneira como o projeto está organizado. Embora tenha sido originalmente elaborado a partir do meu mandato, conta hoje com a coautoria dos nobres Vereadores Eduardo Suplicy, Isa Penna, ex-Vereadora agora, Professor Toninho Vespoli e Luna Zarattini, que são coautores e apoiam esta proposta.

Entendo que temos certa urgência em levar adiante a regulamentação do Carnaval. Temos testemunhado anualmente problemas de diversos tipos na organização do evento, sobre os quais os representantes dos blocos aqui presentes poderão se manifestar adequadamente. Estamos iniciando um novo ciclo e a Prefeitura acaba de publicar um decreto sobre o Carnaval de Rua de 2026. Certamente, isso será pauta da reunião de hoje por ser um tema imediato, mas, ao mesmo tempo, seria importante que pudéssemos avançar na discussão da regulamentação do Carnaval como um todo.

O nobre Vereador Silvão Leite apresentou um projeto de lei no mês passado. Gostaríamos de conhecê-lo melhor e de convergir para uma regulamentação comum a todos os Vereadores desta Casa.

Esta audiência pública é promovida e foi aprovada pela Comissão Extraordinária de Comissão Extraordinária de Apoio ao Desenvolvimento do Turismo, do Lazer, da Gastronomia, da Hospitalidade e dos Eventos, pois o Carnaval de Rua é hoje, se não o maior, um dos maiores eventos da cidade de São Paulo. É uma atividade que atrai muitos visitantes e possui uma importância fundamental na vida econômica da cidade, movimentando o setor hoteleiro e toda a cadeia de gastronomia. Milhares, quase milhões, de pessoas frequentam o Carnaval de Rua em São Paulo e, portanto, ele desempenha um papel essencial na economia local, sem contar a economia gerada pela própria organização dos blocos.

Existem vários temas relevantes, sendo um deles, que considero crucial, a discussão sobre o patrocínio: como ocorre, quais são suas potencialidades e seus problemas, que são muitos. Quero ressaltar que o Carnaval de Rua de São Paulo é diverso, composto por blocos

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21380 DATA: 30/09/2025 FL: 4 DE 49

pequenos, médios, grandes e megabloques, isto é, não há uniformidade entre as várias organizações e coletivos.

Grande parte dos coletivos que organiza o Carnaval de Rua não são formalizados, com CNPJ. São coletivos que se organizam sem formalidade jurídica, sem ser uma personalidade jurídica, ao passo que outros podem ter. Temos uma diversidade muito grande de situações. E já temos, na área da cultura, uma experiência bastante grande para tratar essa diversidade que a cidade de São Paulo apresenta em relação aos vários tipos de manifestação cultural. E acho que essa experiência, inclusive legislativa, pode servir de referência para pensar a regulamentação do Carnaval de Rua.

Eu vou, em primeiro lugar, passar a palavra para a Vereadora Keit, e, depois, aos representantes das várias articulações de bloco e aos demais presentes.

Em princípio, estipulamos três minutos como referência principal de fala. Não é uma coisa rígida, mas, como a nossa ideia é ouvir o maior número de pessoas, é muito importante que possamos nos limitar a esse tempo de fala, para que todos tenham o direito de se pronunciar na nossa audiência pública.

Agradeço também à Assessoria da Comissão, ao Vinícius; à Assessoria do meu gabinete, que ajudou a convocar; bem como agradeço a presença de todos vocês, que vão fazer esta audiência pública ser um sucesso.

Obrigado pela presença de todos.

Vereadora Keit Lima.

A SRA. KEIT LIMA – Boa noite, gente.

Eu vou falar bem rapidinho, para que possamos nos ouvir e encontrar soluções.

A minha preocupação entra em três lugares. E bem como disse o Vereador Nabil, eu acho que é uma preocupação de todos os blocos.

Fizemos essa discussão no ano passado sobre o fomento, sobre garantirmos os blocos históricos – que, inclusive, não saíram este ano. E falamos, principalmente, sobre áreas periféricas e faveladas.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21380 DATA: 30/09/2025 FL: 5 DE 49

Então, que possamos garantir que os blocos das nossas periferias, e que favelas tenham o direito garantido de sair. E é a partir deste lugar que eu me coloco à disposição de todos vocês, que eu coloco o mandato das favelas à disposição, porque sabemos que o nosso fervo é político. Eles querem que nós fiquemos sangrando, mas vamos estar fervendo no Carnaval. E para isso, sabemos o tanto de batalha que precisamos enfrentar.

Eu estou muito feliz por esta sala estar cheia. São vocês que fazem o Carnaval. Os Vereadores, os mandatos, são apenas instrumentos. E tem que ser instrumento mesmo, para garantir que blocos possam ir para a rua, com a segurança garantida. E que nós possamos também garantir a não perseguição, que nós sabemos que temos uma Prefeitura que persegue blocos, principalmente, os que se dizem abertamente de Esquerda progressista.

Eu vou encerrar a minha fala porque eu acho que, em audiência pública, Vereador tem que falar menos e ouvir mais. Mas é isso, gente. Eu acho que boa parte dos que estão aqui já estavam nessa construção antes, conhecem o nosso mandato. No que vocês precisarem, o nosso mandato está lá no 5º andar, na sala 515. Seguimos construindo a partir daqui. Seguimos construindo, como o Nabil bem disse, para que nós consigamos, minimamente, ter uma unidade para pensar numa frente, seja com o Silvão, seja sem o Silvão. Acho que precisamos dialogar sobre isso, sobre o que queremos, um pouquinho mais perto, de uma forma mais franca. E, aí, construindo isso juntos, para que tenhamos o maior Carnaval que esta cidade já viu – com muito *glitter*, com muita gente preta, favelada, cantando, dançando e comemorando, porque é sobre as nossas vidas dentro dos nossos territórios, que eu acho que essa é a coisa mais importante: garantir que os nossos blocos saiam nos nossos territórios, que é onde eles nasceram.

Que nós possamos ter uma ótima audiência. E que daqui possam sair coisas concretas.

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) – Obrigado, Keit.

Eu queria, antes de passar aos blocos, passar aos representantes dos Vereadores também.

Parece-me que há um representante da Vereadora Luana.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21380 DATA: 30/09/2025 FL: 6 DE 49

Tem a palavra o Aguiar, que aqui representa a Vereadora Silvia da Bancada Feminista.

O SR. AGUIAR – Primeiramente, boa a noite a todos, a todas e a todes.

Quero dizer que é uma honra estar novamente à frente, em defesa do Carnaval de Rua.

Como o próprio Vereador Nabil destacou, nós, do mandato da Bancada Feminista, estivemos à frente dos últimos embates com relação a este tema na Câmara. E eu acho que é fundamental que esta sala esteja cheia, porque mostramos que seguimos resistindo, na construção de um Carnaval que realmente seja livre, independente, e que respeite as necessidades dos blocos. Essa tem sido a nossa grande luta desde o começo.

Eu me recordo da Conferência Livre de Carnaval de Rua, em 2023, que foi fundamental para que fizéssemos um contraponto ao Guia de Regras apresentado para o Carnaval de 2024 naquele momento. E é fundamental retomarmos esse tipo de iniciativa, para mostrarmos que as pessoas que fazem o Carnaval devem ser as pessoas responsáveis por construí-lo de fato, por pensá-lo, por colocá-lo na rua.

É um absurdo, infelizmente, o que a Secretaria de Cultura faz: apresentar um Guia de Regras que em nada dialoga com os blocos, em nada dialoga com a construção histórica que tem sido feita no Carnaval de Rua na cidade de São Paulo.

Eu acho que os mandatos que hoje compõem esta audiência, e também que já compuseram a Frente em Defesa do Carnaval de Rua, estão mais do que à disposição para, novamente, encampar essa luta para garantir que os direitos de todos os trabalhadores e trabalhadoras do Carnaval sejam respeitados. E que nós construamos, como disse a Keit, um Carnaval para ferver, não para sangrar. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) – Obrigado.

Vamos seguir a ordem da mesa, da minha esquerda para a direita.

Peço para que cada um se apresente e fale por três minutos.

Está com o Vinícius a lista para quem quiser se inscrever.

A SRA. RENATA – Boa noite a todos.

Meu nome é Renata; sou da União dos Blocos de Carnaval de Rua do Estado de São Paulo, também conhecida como UBCRESP, embora preferamos ser chamados como União dos Blocos, porque é isso que tentamos promover. Somos um movimento para representar e fortalecer o Carnaval de Rua no Estado de São Paulo.

Recentemente, fizemos um evento solene na Assembleia Legislativa, no dia 9 de setembro, em reconhecimento do Carnaval de Rua como patrimônio imaterial do Estado de São Paulo.

Vejam, esse evento foi um ato de reconhecimento, porque o Carnaval de Rua já é reconhecido, tanto no Município de São Paulo como no Estado de São Paulo e, nacionalmente, como patrimônio imaterial. Mas esse reconhecimento não pode ficar somente no papel. Por isso, a importância deste evento, a importância de tornar pública esta informação de que cada fazedor de Carnaval, que somos nós que estamos aqui, sejamos guardiões de um patrimônio histórico e imaterial.

Internacionalmente, o Carnaval também é reconhecido como patrimônio mundial da Unesco. E é importante que tenhamos essa percepção do valor do nosso trabalho.

Como bem disse a Vereadora Keit, como bem disse o Vereador Nabil, o nosso movimento tem que ser reconhecido e valorizado.

Vinícius também pediu para que fizéssemos algumas sugestões.

Eu acho que está mais do que na hora de reivindicarmos que o Guia de Regras do maior Carnaval do Brasil seja elaborado com a participação dos fazedores do maior Carnaval do Brasil; caso contrário, não faz sentido.

Estamos cansados de regramentos de cima para baixo; precisamos ser mais incisivos, e não somente reivindicarmos, mas nos movimentarmos entre as pessoas que têm o conhecimento, inclusive jurídico – porque já existe embasamento legal para reivindicarmos a entrada, desde 2026, nessa organização, nesse planejamento. Não precisamos esperar 2027.

Tivemos uma conversa com o Gustavo, da SPTuris, em que ele disse: “Olha,

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21380 DATA: 30/09/2025 FL: 8 DE 49

terminando o Carnaval, a partir de abril, eu estarei disponível para fazer essa escuta”.

Eu quero saber de quem está presente, das lideranças, dos coletivos, se alguém foi chamado, se alguém participou dessa escuta, dessa discussão para a elaboração do Guia de Regras que foi publicado, porque, caso isso não tenha acontecido, está errado. E precisamos rever essa história. Não podemos ficar somente engolindo regramentos, esperando que daqui até o ano que vem, daqui a dez anos...

Há quanto tempo estamos na luta pelo Carnaval? Está na hora de mudarmos isso.

A SRA. SALETE CAMPARI – Boa noite.

Para quem não me conhece, eu sou a Salete.

Eu estou em todos os coletivos de Carnaval de São Paulo. E acredito que o Carnaval só começa de verdade vendo esta sala lotada.

Aqui, não estamos brigando somente pelo Guia de Regras. Estamos brigando por um PL que defenda o Carnaval de verdade. É isso que buscamos.

Sobre o Guia de Regras, nós já nos reunimos várias vezes. E todo ano o Guia é mudado, as pessoas mudam. E se nós temos um projeto de lei de verdade...

Já houve uma Vereadora que tentou entrar com um Guia de Regras. E foi horrível, não contemplou quase ninguém. E agora temos o PL do Silvão. E já tínhamos, desde 2016, o PL do Nabil.

Eu acho que temos que ver o que nós temos que contempla os nossos blocos de Carnaval, para fazermos a coisa acontecer, porque não adianta passar mais um ano, dois anos, três anos, porque, desde que eu faço bloco, há 26 anos, que a coisa vem ruim. De lá para cá, vem piorando. Por mais que digam que estamos crescendo, nós só crescemos para a rua, mas, para os blocos de Carnaval, não, porque eu lembro.

E vou falar o que já falei: quando nós nos reunimos com o Bruno Covas e pedimos apoio para 300 blocos de Carnaval, e ele se comprometeu – “Não, vamos fazer; eu vou fazer” – , ficou em 100. De 100 não saiu. E não mudou. E nem todo mundo é contemplado.

Agora, se temos um PL bom, nós podemos ver tudo que tem do Nabil que contempla

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21380 DATA: 30/09/2025 FL: 9 DE 49

fls 10

o Carnaval, podemos pegar o que o outro projeto contempla, e fazermos um PL maravilhoso, porque é isso que nós queremos: um Carnaval de verdade, um Carnaval de Rua, porque é cultural. Nós temos que ir para a rua, mas de verdade, porque todo ano brigamos por isso. E só vamos saber de Carnaval quando chega janeiro. Sempre falamos – em maio, em junho, em julho, em agosto –, mas nós só vamos saber em janeiro, quando tem o patrocínio.

O Carnaval de São Paulo é muito maior do que um patrocinador. Nós temos que ter esse PL. É urgente. Nós temos que correr, Nabil, para que todos que estão aqui corram com os seus Vereadores, para que este PL seja aprovado, e que ele defenda os blocos de Carnaval de verdade.

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) – Obrigado.

Vamos em frente.

O SR. FÁBIO LOPES – Boa noite a todos.

Eu sou o Fábio, do Fórum dos Blocos de São Paulo.

Estamos aqui, hoje, para discutir os PLs que estão para votação nesta Casa. E acredito que ambos os PLs do Nabil, que estamos aqui também para apoiar, sejam de 2016. Não é, Nabil?

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) – Isso.

O SR. FÁBIO LOPES – Nós estamos em 2025, então é um PL que precisa de um comprometimento do seu gabinete, Nabil. Óbvio, queremos que ele passe, porque não queremos mais ser regrados por decretos – cada gestão eleita publica um decreto novo. Enfim, é a história que todo mundo já conhece.

Os blocos foram ouvidos na época, em 2016 – coisa que nós pleiteamos, eu estava lá também –, mas o projeto precisa de emendas, atualizações. O Carnaval de 2016 não é mais o Carnaval de 2026. E eu gostaria de contar com esse comprometimento, para que possamos ser ouvidos nas possíveis emendas, caso o seu PL passe.

É preciso falar de números.

O Carnaval de São Paulo gerou, diretamente, 3,4 bilhões de reais de arrecadação

no ano passado, dos quais apenas 15% foram de São Paulo – o resto veio do Carnaval de Rua. E o quanto os blocos são subsidiados?

Os blocos têm que fazer o Carnaval na, buscar dinheiro na iniciativa privada. O fomento contempla pouquíssimos blocos. Então arrecadamos muito, recebemos pouco, temos muitos ônus, poucos bônus, e os blocos precisam que isso mude.

Temos um Executivo que não quer diálogo. Isso é um fato. Mas nós não podemos nos sentir derrotados. Todo ano vamos ter Carnaval. Todo ano estaremos aqui lutando pelo Carnaval. As cadeiras mudam no governo, mas nós sempre estaremos lá. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) – Obrigado.

Tem a palavra a Lira Alli.

A SRA. LIRA ALLI – Oi, gente. Boa noite.

Eu resolvi que eu vinha com a minha persona porque só assim para ter paciência para enfrentar o que está acontecendo.

Eu acho que temos que olhar e perceber que faz 500 anos que tem certos empresários colonizadores que querem dominar, controlar e domesticar a festa do povo. Faz 500 anos. Não é história nova o que fazem.

Eles usam duas arminhas: uma é a coerção, a força bruta, a violência policial que conhecemos muito bem desde 2018, quando começamos a nos articular contra a violência policial nos blocos de Carnaval de rua de São Paulo; e a outra ferramenta é a cooptação.

E falo sobre isso porque eu acho muito importante que os blocos de Carnaval parem para pensar se vamos ficar brigando entre nós para disputar as migalhas que eles estão disponibilizando – “Não, mas eu tenho CNPJ, então eu vou ganhar dinheiro”. Gente, é migalha. E é estratégia de cooptação. É estratégia para nós nos dividirmos e deixá-los fazerem o que querem com o Carnaval de Rua de São Paulo. Isso já aconteceu antes. Perguntem para quem viveu os anos 60-70 na cidade de São Paulo. Perguntem o que aconteceu com quem não quis ser escola de samba, não quis ser enquadrar. Essa história é antiga, e nós temos que ser mais inteligentes, parar de brigar por migalha.

A outra coisa é que estamos vivendo em São Paulo, a cidade mais rica do país, a cidade onde se disputa um projeto de cidade, um projeto de país. E o projeto de Carnaval de Rua discute o projeto de cidade.

Gente, vejam esta cidade. O que está acontecendo na cidade de São Paulo?

Duas coisas: cercando tudo e privatizando tudo. É isso. Qualquer praça, hoje, está cercada. Tem gradil em qualquer lugar. Você tropeça, tem um gradil na sua frente ou um tapume. Está tudo privatizado. E se deixar vão privatizar as escolas. O Prefeito já disse que quer privatizar as escolas municipais. Vocês acham que eles não vão tentar? Eles já estão fazendo.

E eu acho que isso fica muito explícito no Decreto 64.537, de 11 de setembro de 2025, que é o decreto que determina como vai funcionar a Comissão Especial – muito especial – sobre o Carnaval de Rua 2026, porque é assim que funciona: a Prefeitura de São Paulo constrói o Carnaval, pega um decreto e enfia na gente.

O problema é que o maior nem sempre é o melhor. Eu gosto do meu bloquinho pequenininho, gostosinho, comunitário, clandestino. Eu não gosto do bloção, não. E eu tenho direito de gostar do pequenininho, porque é o pequenininho bem feito. É mil vezes melhor do que um grandão que vai lá e destrói a cidade, mija em tudo, quebra coisa e não sei o quê. Com todo respeito aos blocões, até porque tenho muita admiração por quem topa essa odisseia. Mas eu falo isso porque esse decreto diz basicamente que o que importante mesmo é a empresa que vai patrocinar. É com eles que querem se sentar à mesa, é com eles que querem negociar. São eles que importam. E os blocos são esse efeito colateral com o qual vamos ter que lidar: os blocos não podem isso, não podem aquilo. Parece a diretora do colégio do Irmão do Jorel: “Não pode!”. É assim. A Prefeitura fica olhando para a gente e falando: “Não pode isso, não pode aquilo”. É isso. E nos enfia o decreto sem uma conversinha, sem um vinho, sem uma cerveja, mas porque o objetivo deles, na verdade, é vender cerveja e fazer muito dinheiro para a maior empresa deste país. É isso. Eles estão preocupados com isso. E vão pintar os blocos da cor da cerveja do ano, não importando qual é a cor do seu bloco, qual é o seu arco-íris. Não importa. Vai ser tudo pintado da cor daquela cerveja. E eu nem bebo, gente.

Para finalizar, eu só queria dizer que há duas coisas que, para mim, são muito preocupantes, porque elas representam justamente essa domesticação do Carnaval: a criação e o fortalecimento da lógica de circuito. Não faz nenhum sentido tirar o bloco da comunidade onde ele ensaia o ano inteiro e dizer que ele terá que andar dentro de um gradil para que as pessoas possam ser revistadas antes e depois. E não faz nenhum sentido terminar o Carnaval às 18hs.

Faz sentido se você tiver um amigo que é dono de empresa privada, que vai fazer uma festa privada cobrando os olhos da cara. Mas não faz sentido se você pensar numa cidade diversa e plural.

Enfim, eu só quero terminar dizendo que, em 2023, nós construímos a Conferência Municipal do Carnaval de Rua. Lá está escrito tudo o que pensamos e queremos para o Carnaval de Rua de São Paulo. E o Carnaval de Rua para nós, de São Paulo, ele só tem o brilho e a força que tem porque é um Carnaval diverso. É o Carnaval mais diverso do País, porque é um Carnaval democrático e livre.

Se tentarem tirar a liberdade e a democracia do nosso Carnaval e se tentarem acabar com a diversidade, eu acho que temos que pôr a mão na consciência, parar de brigar por migalhas entre nós e ir para a luta, gente! Precisamos nos organizar melhor, fazer uma aliança, uma frente entre todas as organizações, entre os blocos que não estão organizados, e ir para cima. Porque só a luta vai garantir nosso Carnaval. Sempre foi assim. E o Candinho vai contar para a gente como foi isso há muitas décadas. Obrigado, gente.

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) – Obrigado. Vamos agora à Liga. Sr. Pedro Anacleto, Presidente da Liga de Blocos de Rua de São Paulo.

O SR. PEDRO ANACLETO - Boa noite. Primeiro, quero agradecer pela organização disso. Quem fala aqui é Pedro Anacleto. Eu me coloco como Presidente da Liga dos Blocos, mas, na verdade, é só mais um bloco. Só mais um de vocês.

A Liga surgiu justamente para tentar fazer essa união nossa, das organizações. Porque conseguiríamos... A gente não consegue. Não sei o que acontece, mas a gente não

consegue, mas nascemos para tentar isso. Primeiro nasceu o Ocupa, depois nasceu a Liga e talvez nasçam mais um milhão de coisas para tentarmos nos organizar.

Gostaria de falar o seguinte, gente: o Carnaval de Rua deixou de ser só Carnaval. É luta, é resistência, é trabalho, é inclusão. É o maior evento que existe, talvez, no País; talvez, no mundo. Ocorre que as pessoas se esquecem de chamar a gente, nós que fazemos a organização disso tudo, para conversar, para chegar lá e perguntar: “O que vocês querem?” É mais ou menos quando você tem um projeto social, você vai lá e fala que vai dar pão para aquela galera. O cara nem gosta de pão, ele nem come pão. Você tem que perguntar o que o cara quer, entendeu? Só que o Poder Público não está disposto, haja vista esta Mesa, que era para estar composta de mais três ou quatro pessoas do Poder Público, e eles simplesmente ignoram.

Agora, isso acontece hoje, gente? Isso está acontecendo há alguns anos. Eu temo, de novo, estando aqui nesta Mesa. E este ano estou inteiro. Ano passado, estava bem quebrado, mas também não faz muita diferença o que aconteceu na minha vida porque, no fundo, a ninguém interessa isso. A questão de estar inteiro aqui, eu fiz questão de vir até aqui justamente para entender o quanto que estamos nos movimentando. E olhem o poder que nós temos nas mãos, de fato, de nos movimentarmos. O fato é que nós estamos muito fragmentados. Não adianta a gente ficar só jogando a culpa na Prefeitura, no Poder Público, se nós não nos unirmos de verdade. A verdade é essa, gente. A verdade é exatamente essa. Nós temos diversas lutas e nos fragmentamos. Ou nos unimos para poder organizar isso aqui ou, de fato, não vai.

A regularização do Carnaval, Vereador Nabil começou, nós pegamos há uns quatro anos, com o Ocupa, tentamos reunir todo mundo e, em cima do seu projeto, discutimos várias vezes uma forma de regularidade. E muitos de nós foram contra a regularização, e agora estamos sentados aqui falando de regularização. Se eu estou mentindo nisso, tem um monte de gente que assinou e tem gente que foi convidada para isso também, não foi e simplesmente falou que não queria regularizar. Só que a regularização, ela não é a favor dos caras. Quando está nas nossas mãos, é a gente que faz.

Quero parabenizar, especificamente, a União dos Blocos, que está fazendo um

trabalho cultural muito bacana. Todos os demais também vindo aqui, na verdade, Nabil, pedindo o seguinte: ou a gente para, de verdade, para discutir o Carnaval, numa mesa mesmo, com as pessoas, para discutir o Carnaval, ou a gente vai ficar somente aqui, vindo em reuniões, que depois não vão dar em nada.

Faz anos que isso acontece. Ou a gente senta para falar, para regularizar de verdade mesmo ou a gente vai ficar só discutindo as coisas que a gente não gosta. E, aí, a gente vai ser só crianças e blocos mimados nas mãos do Governo, que não quer ouvir a gente. O Governo de São Paulo, gente, está na cara, os caras não gostam da cultura. Desculpe-me se alguém é a favor ou contra, mas os caras que estão, atual, os caras não gostam da cultura. Têm jogado contra os blocos de hoje.

Espero poder ser luz aqui na noite de vocês. E desculpem-me se me prolonguei.

Obrigado.

A SRA. CARLOTA JOAQUINA – Olá, boa noite. Eu sou Carlota Joaquina, sou atriz de teatro em São Paulo. Sou fundadora e diretora do bloco Agora Vai, da Barra Funda. E tudo o que eu falar vai ser repetitivo, porque nós estamos aqui todos com a mesma luta. Então, o que a Lira falou é tudo o que eu quero dizer aqui. Que você, que a Renata, que a Adriana, enfim. Exatamente isso. Que todo mundo que está nesta sala pensa e está aqui, politicamente, com o nosso direito de cidadão, tentando exigir há 25 anos. Tem 25 anos. O Candinho tem 40 anos que ele está tentando, 44. E é isso.

Quando que a gente vai... Eu queria que nós aqui entendêssemos... os nossos excelentíssimos representantes do povo, queridos e amados por nós, me dissessem o que eu, cidadã, artista da cidade, faço para que o Poder Público entenda que o Carnaval deve estar dentro da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo? O que eu tenho que fazer? Tenho que fazer uma carta? O que eu tenho que fazer, por favor? Eu não sou do turismo. Por quê? Quem é? A gente sabe, todo mundo sabe. Só que eu preciso saber qual é o caminho para entender que nós somos, nesta sala, todos que estão aqui, artistas.

Nós temos uma cultura de Carnaval neste país, nesta cidade maior, maravilhosa, que

tem o maior dinheiro do planeta. A gente precisa entender que o que nós fazemos é cultura. E alguns fazem arte, no meu caso. Mas a gente faz cultura. Tem que fazer a piadinha no meio. Mas a gente faz cultura, gente. E a gente tem que entender como é que a gente faz para o Estado, para o Governo... Eu preciso saber qual é o caminho para entender por que eu estou dentro de uma Secretaria de Turismo e não dentro de uma Secretaria de Cultura. Só isso.

E o resto, todo mundo já sabe. A gente precisa se unir. Não dá para a gente ter o Ocupa, União, enfim, todas que a gente tem, e cada um atrás do seu. E o pirão é pouco, o meu angu... Como é que é: a farinha é pouca, o meu angu primeiro.

E a gente é primeiro quando? Ninguém aqui é primeiro de nada. Está todo mundo aqui implorando respeito e dignidade com esse monte de artistas. Que o Carnaval só é o que ele é hoje por causa de todos que estão sentados aqui. Ele não é maravilhoso, incrível, o maior Carnaval do mundo, do planeta, por causa de Cláudia Leitte e todo mundo que sabe cantar bem para c***lho. Ele é por causa de nós. Fomos nós que fizemos o Carnaval de São Paulo estar onde ele está hoje. Entendeu? Com o Ilú Obá de Min, com o Jegue Elétrico, a gente puxando o carrinho na mão, carregando as caixinhas de som da nossa sala.

E, aí, a gente tinha 100 pessoas e, três anos depois, a gente tinha quatro mil pessoas. Por quê? A gente era bonito? Não, porque as pessoas estavam desesperadas para fazer carnaval de rua. Então a gente precisa entender. Então a minha pergunta é essa. O que nós, como cidadãos e artistas desta cidade, fazemos para colocar a gente com o respeito e a dignidade em uma Secretaria de Cultura?

E o resto...o resto não, o complemento é o que está à mesa, e o que estão essas cabeças todas aqui fritando para falar e para exigir os nossos direitos. E o Carnaval está aí. Quem não fez a feijoada e não vendeu a camiseta não vai conseguir alugar o carro de som. E a gente precisa mudar esse quadro agora, hoje.

Obrigada e até já. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) – Obrigado.

- Manifestação do público.

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) – Vinícius, vamos ver se há muita gente e tentamos acomodar a todos. Peço que as cadeiras que estão vagas sejam ocupadas pelas pessoas que estão de pé, por favor, porque há cadeiras desocupadas, o auditório ainda não está lotado. Com isso, conseguimos que mais algumas pessoas entrem.

Não sei quantas pessoas estão *on-line*. Vinícius?

- Manifestação do público.

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) – Dezoito pessoas *on-line*. Estamos com o auditório quase lotado. Isso mostra a importância desta audiência pública e a mobilização.

Queria só chamar a atenção para a Carlota Joaquina: quando você falou o que se deve fazer para que a promoção e coordenação do Carnaval se dê pela Secretaria de Cultura, o art. 6º do nosso PL diz que, para garantir o cumprimento do disposto no art. 3º, que é a organização do Carnaval, deverá ser construída uma comissão intersecretarial, coordenada pela Secretaria Municipal de Cultura, e composta por vários outros órgãos, que era quem coordenava o Carnaval até 2017. A partir de 2017, deixou de ser a Secretaria de Cultura e passou para a Secretaria de Subprefeituras e, agora, para o Turismo.

Temos que entender a primeira coisa fundamental: o Carnaval é um evento cultural, faz parte da cidadania cultural. Não é um evento de turismo, embora, como evento de cultura, possa atrair turistas. A sua lógica tem que ser uma lógica da cultura.

Antes de abrir – acho que têm várias pessoas inscritas –, reforçando aquilo que já foi falado por vários aqui da Mesa, seria muito importante que não fizessemos uma reunião a mais. Podemos começar, todo mundo falará várias coisas importantes; mas se não tivermos o encaminhamento desta reunião, não sairemos muito do lugar. Sairemos daqui com uma série de críticas e reclamações, mas não vamos ter condições de...

Então, queria, já de saída, antes de todo mundo se manifestar, propor que pudéssemos sair desta reunião com uma Comissão de x membros — que vocês discutam qual é o número de membros — e que, junto aos vários gabinetes envolvidos com essa temática, possamos avançar no sentido de uma regulamentação e aprovação de um projeto de lei que crie

REUNIÃO: 21380 DATA: 30/09/2025 FL: 17 DE 49

diretrizes básicas.

Sabemos que um projeto de lei não pode ser muito amarrado, porque as coisas são flexíveis. Evidentemente, como já foi falado aqui, esse projeto de 2016, hoje, não é o melhor, porque dez anos depois muita coisa mudou.

A SRA. SALETE CAMPARI – Dos que estão aí, é o melhor.

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) – Tudo bem, concordo com você.

A SRA. SALETE CAMPARI – Temos que ver que os projetos não estão contemplando o que queremos. Lógico que todos aqui são cabeças pensantes de Carnaval. Em 2023, já nos reunimos para fazer um Carnaval. Antes, vocês já fizeram; depois, fizemos em 2023. Se fosse tirado dali, pelo menos, a base para um PL, Nabil, que garantisse uma coisa que fosse, de verdade, para todo ano, para o Carnaval não mudar todo ano, principalmente na parte que diz respeito ao valor de uma emenda boa para os blocos de Carnaval.

Se temos o maior Carnaval do Brasil, de público e de renda, não é justo que só 100 blocos de Carnaval sejam contemplados e com um valor que não dá para nada. Tudo bem que a Lira falou que há os bloquinhos pequenos e ela quer continuar com bloquinho pequeno no bairro dela, mas há bloquinho pequeno, também, de São Miguel, de Itaquera, que precisam, também, ter o mínimo para sair na rua.

Não temos que pensar só em nós e sim que os blocos de São Paulo, aqui do Centro, sempre têm o maior apoio financeiro, mas os que estão lá no fundo...O meu está aqui no Centro, eu estou correndo, eu faço festa, eu corro, mas somos proibidos de tudo, porque se temos um patrocínio, não podemos ter um outro apoio para o Carnaval de São Paulo.

Dentro desse PL, tem que estar dizendo também que tem o patrocínio da Prefeitura, mas que fique aberto para os pequenos e grandes blocos irem atrás de patrocinadores e apoiadores. Há o Sr. José da Quitanda, de São Miguel Paulista, que pode apoiar o bloco vizinho.

O Chocolate sabe muito bem o que é fazer bloco lá na quebrada dele, tendo que pedir ajuda para um passar o pano no outro para ter. E isso também, dependendo do momento, você não pode ter o nome, porque o Guia de Regras diz isso.

Temos que seguir um guia de regras que fala: “Não, mas eu quero estar solto”. Mas se você sai com o seu bloco solto na rua e acontece uma morte, acontece alguma coisa, você, às vezes, é muito mais penalizado por isso.

Lógico que eu quero que todos os blocos não tenham que estar no Guia de Regras, que saiam à vontade na rua e não sejam proibidos por nada, porque todo mundo aqui quer sair com o seu bloco sem proibição, mas todo mundo que tem um bloco tem que estar se cuidando, porque se acontece alguma coisa, quem é penalizado é você. Se é um bloco imenso, gigante, pode ser que aconteça uma morte, aconteça isso e não dê em nada. Mas se é um bloquinho de periferia, se acontece alguma coisa, aquele bloco nunca mais vai sair.

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) – Obrigado, Sra. Salete.

Vamos dar oportunidade a outros. Tenho uma lista aqui de nove pessoas para falar. Vou começar a chamar. Mas já fiz aqui uma proposta que é sentarmos, porque todo mundo falou na mensagem de nos juntarmos para podermos construir um consenso de uma regulamentação. Então eu acho que essa é a perspectiva. Vamos já reservar um tempo aqui, pois são nove pessoas e se cada um falar três minutos, já dá quase meia hora. Então reservaremos mais uma meia hora para os encaminhamentos, para podermos sair daqui com alguma coisa concreta que nos permita avançar; quem sabe até o final do ano, aprovar uma orientação para o Carnaval de Rua e, com isso, pelo menos uma primeira votação para dar um bom empurrão neste assunto.

Vou passar para os que se inscreveram, começando com a Sra. Rose, do Bloco do Fuá. Em seguida, para já vir para frente a fim de agilizarmos, Evio, ativista. E já os próximos, o terceiro é o Marcos Ribeiro, do Bloco do Fuá.

A SRA. ROSE - Boa noite a todos, a todas e a todes. São três minutinhos, que não é muita coisa, mas vamos lá.

Eu gostaria de começar falando de uma coisa que tem me incomodado muito, que é o seguinte: eu não quero falar de leis, nem das regras antes que comecemos a conversar sobre o que é o Carnaval enquanto expressão e manifestação cultural. Enquanto, de fato, não reconhecermos estas pessoas todas que estão aqui, e tantas outras que não estão, porque o

Carnaval de Rua de São Paulo realmente é muito grande, como fazedoras, que têm conhecimento, que sabem, sim, colocar um bloco na rua, pois colocamos bloco na rua há muito tempo... Cinco mil pessoas nos acompanham e ninguém nunca sofreu um acidente. Sabemos operar na rua. Muitas vezes, damos instruções para a CET para dizer qual é o jeito melhor. Então acho que temos que dar um passo para trás, e isso vai ter que acontecer, porque todo ano entramos na correria. Vamos pensar em lei, vamos pensar em guia de regras, e não conversamos sobre o fundamental.

O fundamental é que o Carnaval da cidade de São Paulo precisa, de fato, ser reconhecido como expressão cultural do povo. E, nesse sentido, não podemos admitir, por exemplo, que se tenha como perspectiva de final do bloco a Polícia em cima de nós, fazendo a dispersão. É sobre isso que a gente quer falar.

Conseguimos conversar? Sim, conseguimos. Fizemos a Conferência de Carnaval no ano passado. Foi uma conferência da qual várias pessoas participaram. Ficamos um dia inteiro em discussões. Temos um documento importante que duvido que quem propôs o Guia de Regras, quem propôs o PL tenha lido.

A conferência existe em várias áreas, como na saúde e na educação. Temos *expertise* e sabemos que funciona. É um mecanismo democrático de construção coletiva e no Carnaval precisamos disso. Porque, enquanto não tivermos a perspectiva de construção realmente democrática dessa expressão, que é cultural, pois que é uma manifestação, vamos continuar correndo atrás de guias de regras e de leis.

A lei também não é pétrea, ela muda. E ela muda conforme a configuração da Casa. Portanto, ela não é garantia nenhuma de que vai dar tudo certo na nossa vida. A nossa garantia de dar tudo certo é conseguirmos, de fato, o nosso direito à participação na construção dessa política. E uma política que deve estar, sim, na Secretaria de Cultura, o que não ocorre, e sabemos que não está. Então acho que este é o nosso início e, nesse sentido, quero que isso comece já.

Outro ponto que gostaria de falar e dispomos como exemplo - e que tem a ver com

REUNIÃO: 21380 DATA: 30/09/2025 FL: 20 DE 49

esta Casa, que é onde são elaboradas as leis – aconteceu, no ano passado, com a aprovação do projeto do Carnaval de Belo Horizonte. É um projeto muito bom, mas ele é muito bom também porque os legisladores da Casa fizeram “um corre” muito grande para trazer muita gente, uma expressão importante dentro da casa legislativa, para poder votar e aprovar.

Por isso, também quero cobrar esse pedacinho, porque sabemos que, se formos só nós desta bancada, sei que esta bancada nos apoia, sei que está junto conosco e temos diálogo, mas, se não conseguirmos costurar para além disso dentro da Casa, vamos nos dar mal ali na frente.

E como podemos ter força para fazer essa costura? É trazendo, nós mesmos, trazendo os blocos de Carnaval cada qual no seu peso. Vimos o que foi sair na Avenida Paulista em manifestação. E não só na Avenida Paulista, mas no Brasil inteiro, para derrubar uma PEC nojenta e criminosa. Portanto, assim, nós temos força. Conte com a gente.

E é com essa força que nos une que conseguiremos mobilizar internamente, forçando a aprovação de algo que, de fato, nos contemple não só para o próximo Carnaval, mas para uma construção séria, dinâmica e também em movimento. Porque Carnaval é movimento. Então, era isso. Obrigada. Valeu. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) – Próximo inscrito é o Sr. Evio. Quem é? (Pausa) Não está? (Pausa) Acho que não está, deve ter saído. Marcos Ribeiro, do Bloco do Fuá. (Pausa) A palavra é sua, Marcos.

O SR. MARCOS RIBEIRO - Boa noite a todos e a todas. Boa noite à Mesa. Vamos lá.

Primeiro, quero falar do projeto do Silvão, o qual privilegia os megaeventos. É quem tem CNPJ. Eles querem transformar o Carnaval de São Paulo num grande evento e acabar com os blocos comunitários. É disso que se trata.

Então vamos lutar para que eles aceitem CPF. Não achamos ruim que haja outro projeto que disponha sobre o fomento, se bem que o PL dele não diz de onde vem o dinheiro, o que é um problema. Porque, assim, se o dinheiro vier da Prefeitura, o Nunes veta. Está claro

isso.

Vereador Nabil, gostamos muito, super gostamos do seu projeto. Só que desejo falar com vocês sobre outro assunto. Numa Casa que tem 17 Vereadores, e vou combater, viu Rose, e também bater de frente.

- Manifestação na plateia.

O SR. MARCOS RIBEIRO – Porque é o seguinte, companheira, numa Casa que tem 17 Vereadores do nosso campo e 38 da Direita e da extrema Direita, não é temeroso colocar o PL para tramitar e ser votado? Será que isso não pode virar um “monstrão” contra a gente? Eles querem, e estão fazendo de tudo por eles. Conseguiram isso de forma paulatina.

Se antes o Carnaval terminava às 22h, agora já disseram “não” para isso.

- Manifestação na plateia.

O SR. MARCOS RIBEIRO – Isto já acontece em alguns lugares, como a cidade de Olinda: o Carnaval pode ser de madrugada. Aqui nem estamos discutindo isso. Estamos falando de o Carnaval terminar às 22h. Só que, pouco a pouco, eles foram recuando, recuando, recuando. E agora chegamos a este absurdo: terminar às 18h. Isso não é Carnaval, isso é uma matinê.

Quem nos garante que eles não vão colocar isso na lei? Quem nos garante que não vão limitar o trajeto por lei? Essa Direita que está aqui não gosta do Carnaval. Essa Direita é contrária a nós. Eu acho, sinceramente, que não é o momento de tramitar um PL nesta Câmara.

A gente já viu o PL da Vereadora Sonaira, do Partido Liberal, que queria limitar o trajeto a um quilômetro das escolas, como se escola funcionasse no Carnaval. Ou porque há blocos que saem de dentro ou da frente da escola, como o Emílias e Viscondes, por exemplo.

Também queriam limitar a distância de igrejas e hospitais. De hospitais, até concordamos, respeitamos.

A SRA. RENATA – Inclusive já existe regulamentação para a área de hospitais, e a gente respeita.

O SR. MARCOS RIBEIRO – Isso. A gente respeita. Agora, de igreja? Aí não sairia

bloco em lugar nenhum, porque está cheio de igreja por toda a parte. No Bixiga, por exemplo, não teria Carnaval, e o bairro acabaria. É evidente que esse projeto é inconstitucional. Já foi reprovado duas vezes na CCJ. Nasceu morto. Tudo bem. Mas é importante dizer que a intenção deles é limitar o Carnaval.

Vamos ser francos, o Guia de Regras está previsto em lei, de autoria do Vereador Nabil. O problema não é o guia em si, mas como ele é aplicado. Na verdade, o que a gente precisava era mudar a Prefeitura. Precisava mudar a correlação de forças nesta Câmara. É isso, sendo bem claro entre nós. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) – Obrigado. O próximo inscrito é o Sr. José Cury, do Fórum Aberto de Blocos de Carnaval de São Paulo, e, em seguida, o Leandro Chemale. Sejam bem-vindos.

O SR. JOSÉ CURY FILHO – Boa noite a todos os Vereadores e demais participantes. Muito obrigado pela oportunidade.

Vou começar falando para a Renata que, infelizmente, eu participei, como sociedade civil, da criação do primeiro Guia de Regras, só para você saber. Houve um momento em que parecia que ia dar certo.

Fomos chamados antes mesmo de o Fórum nascer. Sentamos com a gestão Doria, depois do Haddad, porque, infelizmente, não conseguimos avançar com o Nabil em 2016. Fomos ao Sabiá, já tinha um projeto de lei, mas ele não passou e logo depois entrou o “gravatinha”. E, por uma articulação política, surgiu a ideia da criação de uma comissão intersecretarial com participação da sociedade civil. Todo esse trabalho – elaborado de forma honesta por nós e que me proporcionou conhecer grandes pessoas na Prefeitura – foi simplesmente jogado no lixo. Em seguida, o Prefeito Doria lançou o próprio guia, com o André Sturm, então Secretário Municipal de Cultura.

Concordo com a Carlota: histórias à parte, a gente precisa sair daqui com algum encaminhamento concreto, porque contar história, neste momento, já não é suficiente.

Nós temos um hiato que vou esclarecer. Contando com as novas lideranças de

coletivos aqui, a gente começou a perder o pé na gestão da Aline Torres e Ricardo Nunes. Nós fomos emparedados, enquanto coletivos, por uma certa discórdia que, com o tempo, pode se diluir em lições para aprendermos. Agora, a gente perdeu o rumo desde aquela reunião no Centro Cultural Vergueiro, onde ela, em vez de sairmos vitoriosos, conseguiu fazer o secretário dar as costas para a gente ao vivo na Band e ir embora. Isso foi falha nossa – de todos os coletivos que estavam lá. Falhamos forte e não nos integramos mais desde então.

Por mais boa vontade que cada presidente, criador e fundadora de coletivos de Carnaval tivesse, acabou. Então, em um ou outro manifesto, a gente tem adesão, mas não tem representatividade. Nossos coletivos – Fórum Ocupa, Arrastão, Liga... O Marcão está em todos. São coletivos que, às vezes, não representam tudo. Quando o Carnaval era menor, o Fórum teve 300 blocos aderindo. Éramos a maioria do Carnaval, e nosso manifesto tinha poder. A gente emparedou até o Nunes. Nós o fizemos abrir as pernas para a Covid com um pequeno manifesto no dia 4 de janeiro. Ele fez a coletiva no dia 5 de janeiro. Ele sentiu o golpe e, aí, a gente parou de ter essa força.

Então, quando um representante aqui pede união, acho importante. A ideia de que a gente destrave essa situação operacional de tantas lideranças, com cartas ou posicionamentos que realmente representem a diversidade do Carnaval, inclusive com os odiados, que são os blocões e os produtores.

Gente, cada um aqui diz que o Carnaval é diverso. Eu dou palestra falando que São Paulo tem cinco carnavais. Não dá para negar. Agora, todos teriam que ter uma grande ligação com a cultura, obviamente. Mesmo um produtor de megabloco, se ele tiver uma organização temente à parte cultural, não pode ser negado que ele tenha que ter espaço no Carnaval, pois não é com a Secretaria da Cultura cuidando que é menos ruim.

Quem faz *show* para cem mil pessoas? Esse bloco aí. E o paulistano que curte esse *show* não pode ser prejudicado pelo nosso posicionamento de dizer que o Carnaval é só para bloquinho. Ou estou errado? Desculpa. Eu entrei nessa “piaba” como sociedade civil porque, pragmaticamente, a gente enxergou em 2016 e 2017 que o Carnaval ia estourar, que ia ser o

que é hoje. E se não déssemos uma pragmatizada, juntando Esquerda, Direita, Centro, capital, trabalho, arte, cultura e educação, tinha que se dar um jeito de juntar, para não dar errado.

Concluindo: estou muito feliz porque hoje temos uma proposição de PL. Vou ser bem honesto: espero que as emendas aconteçam, porque a gente sabe, como o Fábio falou, que o PL está precisando de uma energia. E espero que a gente, francamente, se reinvente na questão da unidade em relação aos blocos, para poder fazer pressão, porque esses caras só funcionam sob pressão. Apoiados por Bancadas de Vereadores, a gente tem mais força, mas as nossas lideranças precisam jogar a água do berço para fora e voltar a dizer que nós somos 500 blocos, mas com a verdade de tê-los por trás do que está sendo dito. Essa é a minha contribuição para hoje.

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) – Obrigado. Próximo: Leandro, da Agenda Cultural SP.

O SR. LEANDRO CHEMALE – Bom, gente, boa noite a todos. Estamos aqui para mais um processo de Carnaval. Eu, como sempre, venho aqui para trazer aquela metralhadora de temas que não estão muito no radar, mas queria pontuar o que acho importante.

Agora, como estamos voltando à discussão do PL, um ponto que todo ano enfatizo é a importância, falando como jornalista, como imprensa, de existir um credenciamento central de imprensa por parte da Prefeitura. Belo Horizonte, Salvador, Rio de Janeiro fazem, mas São Paulo continua se recusando a fazer algo muito simples, mas que facilitaria muito a vida de quem trabalha com Carnaval, pulando de bloco em bloco, de circuito em circuito, para todos os lados.

Os blocos têm o seu credenciamento, sempre vão ter, nunca vão perder autonomia nisso, mas, para lidar com a PM, a CET, o Poder Público, quando vamos lá na Av. Marquês de São Vicente, que tem o gradil para vários lados, o circuito apertado em que vai todo mundo ali. Então, você que está trabalhando e precisa ficar fora do gradil, se tivéssemos um crachá da Prefeitura, às vezes, ajudaria demais.

Então uma sugestão de emenda que faria aqui é que houvesse essa questão do credenciamento de imprensa.

Outro ponto: só para trazer uma informação para os senhores, nós cobrimos muitos eventos, e a Secretaria Estadual da Segurança Pública de São Paulo, o Sr. Orlando Morando Junior, tem feito quase corriqueiramente um discurso para tirar sarro do Carnaval e o ridicularizar, na questão do pedido da Luana sobre a questão do Smart Sampa, de não haver invasão da PM para prender bandidos que fossem flagrados.

E lá o Secretário fala: "É porque esse povo do Carnaval defende bandido". Então se torna motivo de riso e, no grupinho de PLs e companhia, é assim a visão do Carnaval.

Logo, quando falamos sobre a correlação de forças da Casa, do lado de lá, essa turma do Carnaval é aquela que defende bandido, igual à turma do PSOL. Temos que ter cuidado justamente com isso, para saber lidar com os discursos.

A questão de segurança sempre é presente, mas a segurança, para o Sr. Prefeito, se resume ao Smart Sampa. Para ele, esse é o grande legado que quer colocar e tudo se resume a "Eu consigo prender um bandido em cinco minutos". Então nós precisamos saber como lidar com esse discurso.

Agora, nos temas que quero trazer, dentre vários, é o seguinte: sempre falo do problema da programação, da grande lista de blocos que a Prefeitura não divulga e os veículos de imprensa vão procurar no *Diário Oficial* para pegar essa listagem.

Para trazer para os senhores, para os blocos, um tema que não deve estar no radar da maioria: os senhores já chegaram a perguntar para uma inteligência artificial sobre o seu bloco?

Os senhores já chegaram a treinar o Grok, o DeepSeek e as outras inteligências sobre o que é o seu bloco, onde ele sai, que público ele atende? Por que eu estou falando que isso é importante? Porque, cada vez mais, a juventude não está olhando nem a grande imprensa para ver a agenda de bloco. A juventude pergunta para a IA: "Em que bloco eu vou no Centro?".

Então fica essa dica também sobre melhorar a comunicação dos blocos, treinando os modelos de IA sobre o Carnaval de Rua de São Paulo, porque a IA não vai ao *Diário Oficial* buscar a informação da programação do bloco. Ela procura o que está na *internet* ou o que ela

foi treinada.

E, por fim, o tema que eu queria colocar aqui é sobre realmente a redução enorme dos blocos de música eletrônica. São Paulo, quando começou, nesse *boom* do Carnaval, colocou-se no Brasil como o Carnaval que estava abrindo para os blocos de DJs e vários tipos de música eletrônica.

Porém, a Prefeitura, nas regras, acabou reduzindo esses blocos e vários que começaram lá atrás não estão conseguindo mais se apresentar. Eu não falo só do Alok, o DJ famoso. Estou falando realmente dos coletivos de música eletrônica.

Muitos de vocês vêm se apresentar na Virada Cultural de São Paulo, naqueles palcos temáticos, e esses coletivos não conseguem mais criar um bloco por conta das regras da Prefeitura e, sobretudo, ela proíbe os circuitos que eram os tradicionais onde a música eletrônica evoluía.

Então também é um destaque que queria colocar da dificuldade de vários blocos que deixaram de sair ano passado e nós não sabemos se vão sair este ano.

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) – Obrigado, Sr. Leandro Chemale. Passo a palavra para a Sra. Alessa Bacellar Camarinha.

A SRA. ALESSA BACELLAR CAMARINHA – Oi, gente, meu nome é Alessa, sou do Ritaleena. Para mim, isso é mais legal que Netflix. Eu adoro. Bem-vindos todos e já é Carnaval.

Eu vou fazer a minha fala e vou dividi-la em três momentos, porque eu sou organizada: passado, presente e futuro.

Sobre o passado, nós precisamos lembrar. Eu estou vendo muitos novos aqui. Nós precisamos lembrar o que era a política pública de Carnaval de Rua quando ela foi implementada pelo Sr. Juca Ferreira e pelo nobre Vereador Nabil Bonduki também. Ela era uma boa política, que agora está desmontada. O que ela propunha? Primeiro, porque a gente tinha a Secretaria Municipal de Cultura — e eu acho que a grande questão que está aparecendo é: meu Deus, socorro, onde está esse povo da cultura dentro da gestão? Não temos —, que garantia e entendia

o Carnaval de Rua como uma manifestação cultural, e ela tinha isso na base da política, o que mudava tudo.

Porque, para haver o Carnaval-mercado, que depois foi acontecendo com os números de São Paulo, para você instituir essa economia criativa que deu esse *boom*, primeiro tem que ter o Carnaval-brincar. É o Carnaval-brincar que institui na cidade o espírito do Carnaval; porque, senão, é só *show* de artista famoso, e não bloco de artista famoso. Então, é esse Carnaval que precisa ser protegido a partir desse olhar cultural.

Ela fazia também uma desburocratização e uma mitigação dos impactos na cidade. Ela propunha um diálogo, fazia um Carnaval com os blocos. A gente precisa, então, de um novo marco legal, que talvez seja o momento em que a gente esteja agora.

A gente tem que lembrar que essa política também era um decreto. Só depois veio essa ideia de PL. Por isso que ter uma Secretaria Municipal de Cultura é tão importante, porque também não adianta ter PL se não há Secretaria Municipal de Cultura. A gente precisa desse novo marco legal que devolva ao Carnaval-cultura seu protagonismo, que agora foi retirado para o Carnaval-turismo, para o Carnaval-mercado. Primeiro, a gente precisa de respeito básico. O Carnaval é uma linguagem, ele é comunidade e já acontece o ano todo na cidade, porque é da cultura da cidade, é da diversidade cultural.

O Guia de Regras de hoje é o maior reflexo de onde a gente está, assim como o decreto. O Guia de Regras de hoje é uma burocratização, feito a partir da lógica do megabloco, e aí ele padroniza aquilo para todo mundo. Todo mundo tem que ser aquilo, e não se entendem as diferenças entre os carnavais. Ele não é feito para uma instrução do Carnaval, para a pessoa entender como é. Ele é feito basicamente para ter o controle do Carnaval, para ter essa mão de dizer: “Isso vai acontecer, isso não vai acontecer”.

Esse decreto de 2026 também é uma coisa bizarra. Socorro. Ele não menciona, em nenhum momento, a palavra “diálogo”, não tem mais. Eu acho que desde o ano passado não existe mais essa palavra no decreto, e ele não atribui isso a nenhuma Secretaria. Ninguém tem essa função, não está atribuída para ninguém. Por conta desse desmonte, que é o momento em

que a gente está, os blocos estão sendo empurrados para três caminhos: um é o mercado, “vire um megabloco você também, haja o que houver”; o outro é a clandestinidade: uma vez que você tem que concordar com o Guia de Regras e aquilo fica muito custoso, restando cogitar ir para a clandestinidade, sair sem avisar ninguém; ou chamar uma “boquinha” para si e, aí, tentar alguma emenda, alguma coisa que garanta o seu financiamento.

Agora, para o futuro, a primeira coisa que a gente tem que entender é que não dá para ter nenhum PL sem os blocos. Gente, não dá. A gente tem que estar nessa conversa. (Palmas) Se a gente não pautar um PL, a Direita vai pautar, acreditem nisso, porque eles adoram o Carnaval de Rua. É para eles um assunto também. A gente precisa fazer uma escuta ativa e generosa, não só com os parlamentares, mas entre nós. A gente precisa achar, o que é muito duro hoje e vai ser um esforço imenso, o mínimo denominador comum.

O PL não pode ser uma lista de desejos da Amazon: “Ai, o meu bloco”, “Ai, o meu bloco”. Não vai dar. A gente não pode entender o PL como algo muito fechado, porque, senão, daqui a dez anos — e o Carnaval é uma coisa completamente mutante —, esse PL pode endurecer o Carnaval de Rua também. Então, a gente tem que ter esse cuidado.

Concluindo, para aprovar isso, a gente vai precisar fazer uma maioria na Câmara.

Então, fica aqui o recado: teremos de fazer um processo de *lobby* do Carnaval. Não tem como. Nenhuma lei é garantida; só a luta muda a vida, e o Carnaval é essa vigilância da alegria democrática, e todos aqui são prova disso hoje. Então temos de participar mais para além do ciclo do Carnaval.

Tenho um encaminhamento, Vereador Nabil. Meu encaminhamento é a atualização da Frente Parlamentar de Defesa do Carnaval, que hoje está alargada. Queria propor que renovemos essa Frente com a presidência do seu mandato, que tem lastro no Carnaval de Rua, e já mandaria um recado para a Secretaria Municipal de Cultura, que é inexistente.

Obrigada, gente.

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) – Obrigado.

Agora é o Anderson. Anderson, representante dos ambulantes. Anderson

REUNIÃO: 21380 DATA: 30/09/2025 FL: 29 DE 49

“Gordoboy”.

O SR. ANDERSON FERREIRA FELIPE – Tudo bem? Boa noite. Estou muito feliz que iniciamos mais cedo este ano. No ano passado, demoramos para ter as reuniões. Este ano, já iniciamos. Acho que isso nos dá mais tempo para discutirmos e para tentarmos encontrar algo que seja bom para todos.

Quero falar principalmente sobre algumas coisas que aconteceram. Atualmente, pessoas com CPF foram multadas por levar um bloco para a rua. Então, é isso o que vem acontecendo. Essa opressão não existia e, hoje em dia, para sair na rua, é preciso pensar duas, três, cinco vezes, porque isso gera multa. Conheço pessoas, que estão ligadas ao Carnaval, que decidiram sair em uma manifestação de alegria livre e foram multadas.

Eu, como ambulante, venho denunciar, assim como fiz no ano passado, esse monopólio da Ambev, que impede que os pequenos comerciantes e as pequenas empresas levem seus produtos para a rua. Então ou você vende o que eles determinam ou você é levado, seu produto é tomado e você é prejudicado e até agredido.

A pessoa que sai para vender alguma coisa e garantir uma renda no Carnaval sempre está à mercê de ser oprimida e agredida. No ano passado, fiz um texto que li para vocês. Acho que vou lê-lo novamente para vocês, porque a situação vai se repetir. Fica até mais fácil, porque, quando chego aqui, fico tão nervoso, não sei por quê. (Risos)

O que vai acontecer será isto: “A Prefeitura de São Paulo se alia, mais uma vez, ao monopólio da Ambev. Venho aqui denunciar a gravidade da cláusula presente no contrato de patrocínio firmado entre a Ambev, a SPTuris e a Prefeitura de São Paulo. Tal cláusula prevê a exclusividade de comercialização de produtos da Ambev nas principais vias públicas da cidade de São Paulo durante o período festivo.

Considero essa cláusula de exclusividade abusiva por ferir o direito à livre concorrência, prejudicando inúmeras indústrias de bebidas. Essas empresas investiram e aumentaram a produção para atender à demanda do Carnaval. Agora, elas se veem em desvantagem, temendo prejuízos significativos.

A exclusividade também afeta mais de 15 mil ambulantes, que se cadastrarão na Ambev temendo a opressão dos órgãos de fiscalização, ferindo o direito ao trabalho. Venho aqui fazer um apelo à Prefeitura de São Paulo, junto à Ambev, para que revejam as cláusulas de exclusividade, buscando uma solução que preveja a livre concorrência e evite o prejuízo de muita gente, garantindo o direito do ambulante de trabalhar.”

É fato que será a Ambev. Esse texto vai vingar por mais sete anos, mais cinco anos. Então, temos que olhar e ver como vocês, nossos representantes, podem quebrar isso, porque há muita gente envolvida. Não são só 15 mil vendedores, é muito mais do que isso. Acho que aqui está a minha contribuição. Obrigado, valeu. Obrigado mesmo.

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) – Obrigado.

Essa questão é superimportante mesmo, e nós vamos ter de discutir.

Agora, três minutos, vamos respeitar os três minutos. Candinho começa a falar.

O SR. CANDINHO - Depois, vou dar para cada um aqui da Mesa, porque não tenho para todo mundo, sobre o primeiro de outubro, o dia...

A SRA. CARLOTA JOAQUINA - Só para aproveitar, a gente faz a festa e a Ambev vende a cerveja dentro da minha festa, o que é que eu ganho com isso? Só para aproveitar, eu tenho 70 vendedores ambulantes dentro da minha...

O SR. CANDINHO – Estão cronometrando o meu tempo aí? Mas você falou em cima do que eu vou dizer e do que finalizou. Então, primeiro de outubro é o Dia do Bixiga, o dia oficial do Bixiga, pela Lei 14.485, de 2007, que revogou uma anterior que eu não me lembro, de autoria da então Vereadora Anna Maria Quadros, a meu pedido, pelo meu colega de Secretaria do Trabalho, o Zequinha, que era esposo dela, levou a história do Bixiga, e ela colocou na lei. Alguém precisava fazer. Eu estou dando essa materialidade, porque é isso que nós temos que fazer na lei. Alguém tem que apresentar a lei, não é isso? Ou propor. O buraco que está na minha esquina, o Prefeito não vai adivinhar, o Vereador, eu tenho que levar esse conhecimento.

Pois bem, o Carnaval é milenar. Aqui não se discute o ritmo, porque quando o Papa Gregório XIII instituiu o Calendário Gregoriano, que a festa passou a ser demonizada pela Igreja, a gente sabe a história. Então veio para o Brasil o ritmo inicial, marchinha, frevo, o samba sobretudo, que as escolas de samba souberam crescer. Parabéns para elas, mas nós fomos de carnaval de rua.

Pois bem, então o que eu acho é o seguinte, nós temos que ter alguma coisa que segure. Eu criei a banda, eu ouvi o Leandro falando, ele não está por aí, que ele é jornalista, e eu também. A minha banda, talvez no Brasil e no mundo, é a única que nasceu em uma redação de jornal, em uma pauta de Carnaval, que eu escrevi sobre esportes e Carnaval no *Popular da Tarde*, antigo *Diário Popular*, na Rua Major Quedinho, e falei para o meu editor: “Olha, eu vou criar uma banda”. E criei a Banda do Candinho, sem nenhuma vaidade e, sim, com a necessidade de fazer o marketing do meu trabalho que, naquele tempo, se vendia jornais. Então eu precisava de alguma coisa.

E, outro dia, eu sou corintiano, só para explicar, mas um colega jornalista falou: “Candinho, a sua banda, o efeito é o mesmo do Flamengo”, porque, por exemplo, eu tenho um músico que é de Natal. Ele veio para São Paulo e disse que só ouviu falar em Rádio Record, Bandeirantes e tal, quando ele veio aqui, porque o resto era tudo Rádio Nacional do Rio, Rádio Tupi do Rio. Então falava de quem? Do Vasco, do Botafogo, do Flamengo. Então o Corinthians é maior porque ele é sozinho, não tem mídia, é do povo. Desculpe quem não é.

Pois bem, o que acontece? Eu vou propor o seguinte com a Ambev, alegam... aí eu criei a banda em 1981. Fui na mesma toada de todo mundo aqui, atrás. Eu me lembro de que a primeira palavra que o meu editor, Sérgio Carvalho, falou: “O jornal não dá um p**o”. Eu falei: “Eu não estou atrás de dinheiro”. Felizmente, minha mãe era diarista, meu pai, lixeiro da Prefeitura. Eles criaram 14 filhos, formaram advogados, jornalista, que sou eu. Quer dizer, então a gente sabe trabalhar sem dinheiro. Nós, da cultura, sabemos trabalhar sem dinheiro. Nós estamos aqui brigando pelo Carnaval, mas me pergunte se a classe teatral está satisfeita com a cultura.

- Manifestação do público.

O SR. CANDINHO - O cinema está satisfeito com a cultura? E a Lei Rouanet passou a ser demonizada pelos analfabetos da ultradireita, que não sabem nada. Eles querem só criar factóide, dizendo que o artista vive da Lei Rouanet. Meu Deus! O cara aprova a Lei Rouanet, vai atrás das empresas que se beneficiam, e elas não querem, às vezes. Pois bem, então, aí, foi criada a Abasp, a primeira, por conta de quem? Luiza Erundina de Sousa. Agora eu pergunto para os senhores: ela é do Centro, da Direita ou da Esquerda? Não diria ultra. Não é da Esquerda?

Então ela criou a Lei 10.831, de 1990. E ainda tivemos em um seminário com as bandas que existiam na época e fomos orientados: "Vocês têm que criar uma entidade, porque a Prefeitura não vai poder dar o dinheiro, a infraestrutura, se você não tiver um CNPJ".

Eu não estou defendendo, neste momento, o CNPJ, mas como é que o Estado vai dar o dinheiro para uma ONG se ela não é registrada? É o que eu pergunto, não é? Não é isso?

Com relação à verba, eles dizem: "Olha, nós não temos dinheiro. O orçamento é curto. O cobertor é curto" – em política se fala –, "As creches estão pedindo dinheiro, e nós vamos dar para o Carnaval?" Pois bem, isso é o orçamento do imposto, coisa assim.

Mas eu pergunto para o Vereador e para quem puder responder: a verba da Ambev, que falaram aqui, naturalmente se vende porque ela está materializada para isso. Não é isso? Ela vai ganhar a licitação. Quanto ela ganhou nesse último ano?

- Manifestação fora do microfone.

O SR. CANDINHO – Vinte e sete milhões? Talvez, no ano que vem, 30 a 35 milhões de reais.

Vereador, por que não está neste PL... E eu gostaria de fazer esta e outra colocação. Por que não está? Se precisar, vai para o Ministério Público, vai para onde for. Por que nós, artistas, tomamos paulada, porque nós botamos a nossa cara à tapa, mas o pessoal que está nas bandas é o povão. Aí todo mundo da Câmara, do poder: "Olha, São Paulo é o maior do mundo porque arrasta, porque, na Paulista, os hotéis e restaurantes ficaram lotados".

Por que não põe na lei que, na licitação, tem que ter 10%, 5%, 20%, destinados exatamente para quem faz o Carnaval? Por que não está na lei isso aí?

Com relação ao PL, eu posso estar errado, mas não sei se contempla, além das instituições de governo, que são obrigadas a estar... cultura, turismo, tudo, que eu acho que também faz parte do apanágio geral. Não tem que tirar turismo, não tem que tirar administração, tem que haver uma convergência, isso, sim.

Por que não se contempla, neste PL, a criação de uma comissão entre todos nós, eleita por nós, a cada ano – eu não diria para ter dois, três anos de mandato. Não. Que a cada ano nós escolhêssemos dez figuras para estarem juntas discutindo isso.

É o que eu teria a dizer. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) – Obrigado.

Eu queria, antes de irmos para os encaminhamentos, nós temos cerca de 50 pessoas *on-line*.

Eu não sei se alguém que está *on-line* tem condição de se manifestar.

Eu perguntaria se há alguém *on-line*. Também não poderão ser muitas pessoas, mas, atualmente, já são 20h50. Nós temos que estabelecer um teto e temos que dar o encaminhamento.

Há alguém *on-line* que queira fazer alguma manifestação?

Eu queria dizer que tem a proposta da retomada da Frente Parlamentar do Carnaval.

Eu vou conversar aqui com os colegas da Câmara Municipal para vermos se é o caso, se temos disposição para retomar a Frente Parlamentar. E acho que essa Frente Parlamentar, para funcionar, pelo que todos falaram aqui, tem que ser ampla no sentido de ter diversidade parlamentar na comissão daqueles que apoiam o Carnaval – porque podem ser de várias tendências políticas, mas sabemos que há Vereadores que são contra o Carnaval. E, neste caso, não cabe a presença desse tipo de Vereador. Mas há muitos Vereadores, de um leque político muito amplo, que apoiam o Carnaval, independentemente da ideologia e, vamos dizer, de características específicas.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21380 DATA: 30/09/2025 FL: 34 DE 49

fls 35

Foi falado aqui do projeto do Vereador Silvão. Esse é um projeto que apoia o Carnaval. Pode não ser exatamente a proposta de Carnaval que a maioria, que está aqui, colocou, mas me parece que é uma pessoa que devemos trazer para apoiar, até para que a gente possa construir uma maioria. É muito importante que a gente construa uma maioria de apoio ao Carnaval de Rua.

E está muito claro também, hoje, muito mais do que em 2016, que nós temos uma diversidade muito grande e talvez o projeto tenha que contemplar essa diversidade com regras específicas. Pode ter regras para os grandes blocos, que são diferentes das regras para os blocos comunitários. Se tem um bloco de 100 mil, 200 mil pessoas ou que seja como um evento, porque há coisas que são chamadas de bloco, mas são mais eventos do que blocos. Por exemplo, grande parte daqueles eventos que acontecem no Ibirapuera são quase *shows* com artistas contratados, que atraem muita gente. Para esses, talvez possa haver, não exatamente um circuito, mas uma delimitação do lugar onde acontecerão esses grandes eventos e grandes blocos, enquanto os blocos comunitários, os tradicionais, que vêm da cidadania cultural, têm que ter outra regra e outra condição.

Eu não quero adiantar, porque, na minha proposta, isso faria parte de um grupo de trabalho. Evidentemente, esse projeto que elaboramos há dez anos não é emenda. Acho que tem que ser feito em um substitutivo, ou seja, atualizado de acordo com as necessidades. Mas, como ele já está tramitando, pode ser a base a partir da qual se elabore um substitutivo. Seria importante, do meu ponto de vista, tirar uma comissão. Eventualmente, a gente pode reativar a Frente Parlamentar do Carnaval de Rua, para que os Vereadores da frente e seus assessores possam acompanhar esse grupo de trabalho e para que possamos construir coletivamente, entre a Câmara Municipal, os Vereadores e as representações dos blocos, um texto que seja aprovável e favorável.

O Marcos levantou aqui a questão dos riscos de o projeto sair do trilho. Se a gente tiver uma frente parlamentar, teremos condição de evitar isso. Aqui vocês sabem que, quando alguém não quer que alguma coisa seja aprovada, ela não acontece ou tem muita dificuldade de

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21380 DATA: 30/09/2025 FL: 35 DE 49

acontecer. Então se houver a tendência de um projeto de lei que saia dos princípios básicos, e acho que a gente tem que começar, como foi colocado aqui – acho que foi a Rose –, desde o início, alguns princípios, quer dizer, o que é o Carnaval de Rua. Talvez o projeto precise avançar um pouco mais na definição, na conceituação do que é o Carnaval de Rua.

Ele diz no art. 1º que: “Para os fins desta lei, considera-se o Carnaval de Rua um conjunto de manifestações carnavalescas voluntárias, sem fins lucrativos, não hierarquizadas, de cunho festivo e sem caráter competitivo, que ocorre em diversos logradouros públicos das cidades, na forma de blocos, cordões, bandas e assemelhados, com a finalidade de fruição, promoção e estímulo à cultura e à diversidade do estado de São Paulo”.

Essa é a conceituação que está no projeto de lei sobre o que é Carnaval. Obviamente, precisamos discutir, porque é a base a partir da qual se define o que é o Carnaval de Rua para, a partir daí a gente poder regulamentar o que vem daí para frente.

Também não está na lei, mas talvez seja importante propor, como alguém falou — não sei quem foi, talvez tenha sido o Candinho —, que a gente tenha uma espécie de conselho gestor do Carnaval de Rua, com participação do Poder Público e da sociedade. Porque uma coisa é a organização por parte da Prefeitura, outra é o projeto de lei que estabelece as coordenadas para a Secretaria de Cultura, pelo caráter, por ser uma manifestação cultural, com a participação de várias outras secretarias que têm relação com isso. Mas não está proposto, no projeto de lei, e talvez, talvez não, eu acho que precisa ter a constituição de um conselho gestor que faça com que exista um coletivo com a participação da sociedade e dos vários setores que estão envolvidos com o Carnaval. Um processo para que a gente possa ter um arcabouço, vamos dizer assim, um arcabouço geral, que seria a lei, e pudesse então, através de um conselho gestor participativo, construir e acompanhar a diversidade, como já se falou aqui, porque o Carnaval está em processo, não é uma coisa rígida, não vai ser sempre a mesma coisa, pode ir mudando como tem mudado.

Estou levantando algumas questões que me parecem importantes dentro das contribuições que foram colocadas, mas acho que faria parte desse grupo de trabalho, com a

participação dos Vereadores, o aprofundamento e a discussão disso.

Acho muito positivo estarmos com a sala lotada, gente de pé, e não sei quanta gente assistindo, tinham cinquenta pessoas agora no Youtube, não sei quantas temos, estamos com mais de 120 pessoas aqui, 130 pessoas nesta audiência pública. E eu acho que ela tem condição de ser um ponto importante de partida, de unidade para a construção de um texto que possa ter o máximo de consenso. A gente sabe que leis, numa cidade como São Paulo, dificilmente agradam a 100%, a todo mundo, mas seria o máximo possível, que garanta, sobretudo, esse desenho básico do que a gente entende que deve acontecer no Carnaval de Rua. E, aí, obviamente, a mobilização vai ser muito importante para que a gente possa fazer com que isso seja aprovado e possa ser executado, porque não adianta só aprovar uma lei, como já se falou aqui. Tem a execução disso. A lei tem de dar as bases para que essa execução aconteça de acordo com os princípios que estão colocados na lei. Então eu acho que esse é o encaminhamento que me parece o mais adequado.

Eu queria abrir um espaço para a gente discutir os encaminhamentos. Quem quiser pode se inscrever. Eu proporia que a gente fosse, no máximo, até as 21h30. Temos, portanto, no máximo, mais meia hora. Então, algumas manifestações, e a gente dá o encaminhamento.

O SR. JÚLIO CÉSAR - Tudo bem, pessoal? Primeiramente, boa noite a todos. Meu nome é Júlio César. Sou ativista do Movimento Negro, faço parte do Movimento Negro. Também boa noite para os Srs. Vereadores, autoridades, a todos aqui desta Casa.

A gente está falando dessa PEC, é muito interessante a gente estar nessa discussão, nesse debate falando de Carnaval, falando de diversidade, falando de cultura africana, falando de Brasil, e falando também da capital de São Paulo, que é uma das maiores capitais do Brasil, senão a maior. É a maior capital do Brasil.

No nosso país a gente consegue fazer um Carnaval com distribuição de renda para os bloquinhos menores, com a valorização dessa PEC, e valorizar também os ambulantes.

O nosso colega veio aqui, falou, e eu também acredito. Eu estava vendo uma pesquisa, uma política inclusiva de representatividade para as pessoas negras dentro da política,

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21380 DATA: 30/09/2025 FL: 37 DE 49

como prefeitos negros, mulheres negras, governadores negros. Eu acho que o Brasil tem uma grande dívida histórica, uma grande dívida impagável com o povo negro, que é colocar essas pessoas, como foram Nelson Mandela, Barack Obama, pessoas que fizeram história no seu país.

E eu estou aqui me manifestando, sou um ativista e estou me manifestando porque hoje é uma manifestação. Pessoal, ontem, eu estava na ALESP e uma mulher falou ... Eu fui lá, educadamente, servir um guaraná para ela, e ela falou: “Você está servindo? Virou garçom?” Aí eu fiquei chateado com aquilo, sabe? Por ser um jovem de periferia, uma pessoa negra. Eu acredito que o negro... nós somos capazes de sermos o que quisermos, entendeu? Eu acredito que o estudo, a educação pode transformar o nosso país. Eu acredito no meu potencial também.

É isso, pessoal.

Boa noite a todos.

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) – A Lira quer fazer um encaminhamento.

A SRA. LIRA ALLI – Eu tenho uma proposta de encaminhamento, Nabil, mas ela não é nem para você, nem para a Keit, nem para os mandatos. É uma proposta para as nossas organizações.

A minha proposta é que a gente reúna a União dos Blocos, o Fórum, o Arrastão, o Ocupa, a Abasp e as articulações que já temos hoje do Carnaval de Rua da cidade, e que a gente defina, para no máximo nos próximos quinze dias, ainda na primeira quinzena de outubro, a realização de uma assembleia unificada dos blocos da cidade de São Paulo. Vejam se vocês gostam dessa ideia.

Porque acho que não tem a ver com os Vereadores. É um momento nosso, da nossa organização. Eu acho que estamos entendendo a nossa urgência. Cada frente nossa vai ter o seu estilo, vai ter a sua forma de fazer as coisas, vai ter a sua linha política ou não, a sua linha estética, o tamanho dos seus blocos. Isso não tem problema. Chamar o blocão também, aquela articulação dos megablocos. Chamar todo mundo, entendeu? E a gente fazer uma grande assembleia dos blocos, na qual todos os blocos tenham direito a falar e a votar, para conseguirmos fazer esse processo de unificação, porque acho que isso está faltando.

Temos que ser muito honestos entre nós: nenhuma das nossas entidades sozinhas irão conseguir representar todo mundo. É só juntando todas as nossas entidades, e mais um pouco de gente que nem está nelas, que vamos conseguir representar todos os blocos.

Que a gente faça essa assembleia ainda na primeira quinzena de outubro e que, inclusive, dentro dela, a gente eleja quem serão as pessoas que vão participar desse GT para discutir o projeto de lei. Eu acho que é um bom espaço, um espaço democrático. Acho que fica melhor até do que a gente falar: “Não, vai um de cada”. Não é? Vamos juntar todo mundo, vamos juntar os blocos, porque eu sei que tem bloco que não está em nenhuma dessas frentes e que está aqui, participando das discussões políticas há bastante tempo.

Então eu queria ver com os colegas o que eles acham dessa proposta, de chamarmos, para daqui a uns quinze dias, uma assembleia unificada dos blocos da cidade de São Paulo, porque a gente precisa começar a se organizar com mais unidade.

A SRA. SALETE CAMPARI – Lira, só um minutinho. Contemplando isso, eu acho que ela tem razão, mas acho que tem uma coisa que é muito mais importante, que foi o que o Nabil falou. A gente tem que reunir o máximo de Vereadores que pudermos, mesmo os que não estão do nosso lado. E que a gente conheça, do lado deles, quem chamar para conversar. Porque se a gente se reunir daqui a quinze dias com todo mundo e não tiver 30 Vereadores do nosso lado, pode ser que o nosso PL nem avance, que continue do jeito que está.

E se a gente conseguir trazer mais Vereadores... vamos compor com o que a gente tem aqui, que fica mais fácil aprovar, porque nós queremos alguma coisa. É claro que, se nos reunirmos de novo com todos os blocos, faremos o que fizemos a vida inteira: vamos chegar lá, todo mundo vai falar dos problemas dos seus blocos e nós vamos sair sem lei mais uma vez.

A SRA. LIRA ALLI – Não quero transformar isso aqui numa discussão, Nabil, mas vou, humildemente, discordar, porque não temos conseguido unir as nossas entidades. Estou propondo aqui que a gente faça uma coisa diferente, porque não estamos conseguindo. Cada entidade está fazendo as suas coisas.

A minha proposta é que a gente consiga construir um espaço democrático, no qual

juntemos todas as entidades, e que todas as entidades chamem todos os seus blocos participantes para irem a esse espaço. Aí, lá, por exemplo, a gente pode criar um GT de quem conversa com os Vereadores, entendeu? Dessa forma, a gente divide as tarefas.

O que a gente precisa é de uma organização nossa.

A SRA. CARLOTA JOAQUINA – Eu acho que uma coisa não exclui a outra. A gente pode sair daqui com os representantes, que estamos precisando urgentemente, e, junto com isso, fazer essa assembleia que você está propondo. Porque eu acho que já fizemos isso várias vezes e nunca deu certo, porque os representantes trabalham, porque a gente não vive disso. Todo mundo aqui trabalha.

A SRA. SALETE CAMPARI – Concordo com você. Isso mesmo.

A SRA. CARLOTA JOAQUINA – Então, a gente não tem tempo. A reunião é marcada no dia em que ninguém pode ir.

A gente vive o espírito para o Carnaval, porque o corpo precisa pagar a conta e ninguém paga a conta aqui. Eu, pelo menos, não pago a minha conta com o Carnaval. Então acho que uma coisa não exclui a outra. Vamos fazer o que a Lira está falando, mas vamos fazer também o que a Mesa, enfim, esta assembleia está querendo, que é sair daqui com um número de representantes que vai estar diretamente ligado nessa construção, nesse fortalecimento desse PL, dessa conversa, que vai ser para 2028. Tem alguém aqui que acha que vai ser para 2026?

A SRA. RENATA – Carlota, concordo com você, porque a gente está no último dia de setembro, praticamente. Temos outubro, novembro, dezembro. Carnaval é mais cedo. Então, penso assim, todos os esforços e iniciativas são válidos, mas agora a gente precisa se concentrar no quê? A gente precisa se concentrar efetivamente no que vai ser o resultado final para o Carnaval que está na porta.

O SR. PEDRO ANACLETO – Desculpe-me, Nabil.

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) – Quem quer falar? Você quer falar? Quem mais quer falar aqui da Mesa? Então, vamos lá, Pedro.

O SR. PEDRO ANACLETO – Concordo plenamente com a fala da nossa amiga aqui, porque acho que as duas coisas podem andar em paralelo mesmo, porque senão a gente desvirtua o que viemos fazer aqui. Acho que viemos fazer aqui o que foi proposto pelo senhor. Nós já tentamos por várias vezes nos unirmos, e, quando a gente vai a algum lugar, é sempre destinado a determinado grupo. É isso que desune, na verdade. Acredito.

Então acredito que devamos fazer de forma organizada. E, como ela disse também, eu mesmo não vivo de Carnaval, trabalho até às 18, 19 horas às vezes, e às vezes até marcam lugares. Por exemplo, se a gente for falar de incluir todo mundo, Nabil, não adianta você fazer um negócio aqui. É mentira falar que tem bloco do fundão aqui, se tiver é um ou outro. Então a gente acaba excluindo sem querer os nossos amigos, nossos colegas de Carnaval.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PEDRO ANACLETO – Candinho, você mora aqui no Centro, não é, Candinho?

A SRA. RENATA – Não, mas aí, Candinho, você não pode julgar a condição e o tempo das pessoas. Desculpe-me, Candinho, não é assim, não.

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) – Você quer se inscrever, Candinho? Vai lá, termina, Pedro.

A SRA. SALETE CAMPARI – Tem gente que não tem nem dinheiro para pegar o ônibus.

A SRA. RENATA – Exatamente. Tem o pessoal do Fórum de M'Boi Mirim, que faz um trabalho incrível. Eles fazem um trabalho incrível. Quando podem, mandam seu representante. Mas a gente não pode julgar que os caras não vêm, porque não tem interesse.

O SR. PEDRO ANACLETO – A gente tem que tomar muito cuidado, Candinho. Eu te respeito muito, respeito todo mundo aqui.

A SRA. RENATA – Exato.

O SR. PEDRO ANACLETO – Mas a gente tem que tomar muito cuidado.

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) – Candinho, vamos ouvir ele e, depois, se

você quiser, se inscreva.

O SR. PEDRO ANACLETO – Tudo bem, a gente só precisa tomar muito cuidado com os julgamentos. É só isso.

Obrigado.

O SR. FABIO – Boa noite a todos. Acho legal a proposta da Lira. Acho que, falando pelo fórum, eu e o Zeca que estão presentes aqui, a gente está de acordo em nos reunirmos. Eu acho que os encaminhamentos, Nabil, vão sair muito prematuros hoje. Nós temos que fazer com que as lideranças que estão presentes aqui, que elas se reúnam e façam um documento de encaminhamentos. Isso vai ser muito mais funcional do que nós ficarmos fazendo encaminhamentos aleatórios.

Cada um tem a sua demanda, cada um tem a sua realidade, cada um tem a sua proposta. Como foi dito aqui, existem pelo menos cinco carnavais dentro de São Paulo. A gente não vai acabar às 21h30, nem às 22h, se a gente abrir para encaminhamentos aqui. Não quero cortar a palavra de ninguém. Acho que quem tiver, por favor, os faça.

Mas eu queria sugerir às lideranças *carnavalistas*, *carnavalescas*, *bloquescas*, como vocês quiserem se classificar, que nós nos reunamos, que nós possamos nos reunir e aí, sim, criar um documento com encaminhamentos. Se for do acordo de todo mundo na Mesa, gostaria de sugerir isso.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) – Obrigado. Você quer falar? O Candinho também. Deixem-na falar e depois posso...

A SRA. (NÃO IDENTIFICADA) – Oi. Boa noite. Acho que ninguém me conhece aqui, tirando a Ju que está ali. A gente saiu junto no bloco A Vida Presta, que foi o bloco multado deste ano. Nem é um bloco. A gente nem sabe qual nome a gente tem oficialmente, se somos um bloco ou se não somos.

Mas eu queria reforçar a questão do Carnaval Brincar, porque a gente foi brincar de carnaval. Foi um bloco construído em três dias, com a participação de várias pessoas de blocos

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21380 DATA: 30/09/2025 FL: 42 DE 49

que foram citadas aqui. E a gente tomou uma multa de 15 mil reais, e o dinheiro não foi falado qual era o destino, era só uma multa para nos punir. E foi o bloco também que o Gordoboy citou. Obrigada por lembrar de nós. Só queria que não nos esquecêssemos de que, além dos blocos organizados que já existem, há muita gente querendo fazer Carnaval, que não sabe como e precisa aprender, que saiu puramente na intenção de fazer festa, de brincar, de se manifestar culturalmente, e tomou um pau de 15 mil reais. Como você disse, não é isso que paga as nossas contas. Ninguém tinha esse dinheiro. Contamos com a ajuda de todo mundo que colaborou para pagar. Conseguimos pagar a multa em menos de 24 horas, mas tentamos muita articulação, antes disso, para não pagar, e não conseguimos.

Então não vamos nos esquecer de que há gente que ainda aprenderá a fazer Carnaval e precisa estar contemplada dentro do que formos fazer, seja conferência ou lei.
(Palmas)

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) – Ok. Deixe-me apenas passar para ela e já passarei para você. É a última fala.

A SRA. RENATA – Pessoal, usem o microfone para ficar mais fácil.

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) – Apenas para podermos dar os encaminhamentos e podermos fechar a nossa reunião: será você, depois ela e você também. Três para falar.

A SRA. (NÃO IDENTIFICADA) – Prometo que o meu é muito rápido.

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) – A nobre Vereadora Keit Lima também precisa falar.

A SRA. (NÃO IDENTIFICADA) – Só queria fazer um comentário que acho muito importante. Entendo e concordo muito com o que a Carlota falou de que há uma questão de que o que paga as contas é outra coisa. mas, aproveitando que estamos na iminência do Carnaval e voltando a ver essa sala cheia, vamos pegar esse embalo, porque se deixarmos para o pós-carnaval, estará todo mundo de ressaca, cansado, tendo que arrumar a vida, com roupa que não

lavou durante muito tempo, todas essas coisas acabam adiando e fazem perdemos a força. Devemos aproveitar este momento em que estamos aqui, com o pânico que temos de todo este cenário e pode ser muito útil... Então independentemente de adotarmos a conferência na legislação ou não, vamos aproveitar esse embalo pré-Carnaval, porque talvez pensar nisso no pós-Carnaval não funcione para a própria cultura do Carnaval. Acho que esse é o meu único ponto. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) – Obrigado.

A SRA. MAÍSA – Meu nome é Maísa. Nunca saí no Carnaval. Este vai ser meu primeiro ano. Sairei como pnalta.

Acho que foram discutidas questões desses vários lados do Carnaval, e acho que há uma questão em São Paulo: todo ano o Carnaval passa e é tão bonito, aparece na Globo, falam que é o maior Carnaval do Brasil; mas estão sempre trabalhando contra o pessoal que faz o Carnaval. Isso é um fato. A Prefeitura adora falar, fazer propaganda no final do Carnaval, enquanto está o tempo todo tentando atrapalhar o andamento do que pode estar acontecendo.

A minha questão, também, é: nesse andamento do Carnaval, falou-se sobre os vários tipos. Não temos uma representação que está inteiriça aqui, que não está aparecendo, porque temos que ter essa conversa com os grandes blocos – foi falado aqui mais cedo até dos blocos de música *techno*–, que são um pessoal com quem não estamos tendo muito contato, e não conseguiremos convencê-los de sermos ouvidos se não tivermos essa unidade.

Acho importante ter mesmo esta assembleia, mas, por outro lado, realmente, terá que ser essa coisa de duas frentes: a questão de estarmos mais juntos, ter essa união, e também de falar com os Vereadores. Com eles – é inevitável – teremos que usar a palavra capital. Não consigo entender a justificativa do pessoal que quer entregar a verba só para 100 blocos, quando São Paulo é a maior capital e o maior Carnaval do Brasil. Por que vamos manter como um negócio pequeno, se pode render mais, trazer turismo e, por mais que seja uma manifestação cultural, trazer dinheiro e gerar movimentação na cidade? Só temos a ganhar com um Carnaval maior, que está em crescimento, o que é inevitável. Está vindo gente de outros cantos do Brasil

e de fora do País. A cada ano, a exportação da cultura do Brasil é maior. Então acho que temos que trabalhar nesta reunião, nessas duas frentes.

Faço um comentário extra e peço para realmente buscarmos respeitar os outros tipos de Carnaval. Temos que ir atrás desse pessoal e os colocar do nosso lado, independentemente de não estarmos 100% com eles, e realmente levantarmos essa questão.

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) – Obrigado. Agora é a última manifestação. Depois, vou passar aqui para a nobre Vereadora Keit.

A SRA. CRIS BLUE - Boa noite a todos. Sou a Cris Blue do Bloco Afro Ilú Obá de Min.

Eu só queria colocar aquela conferência, a primeira que gerou um documento, na qual conversamos durante muitos meses em 2023... Estou com o documento em mãos, com tudo o que poderíamos estar reivindicando, porque só se passaram dois anos e, de lá para cá, acredito que não mudou tanta coisa. Só piorou um pouco. Mas temos o documento, ficamos discutindo com base nesse documento, nós nos estressamos, brigamos, convergimos e divergimos, mas está aqui um documento que, eu acho, tem que ser analisado. Se não, não fará sentido termos outras conferências nos próximos anos, ter PLs, decreto ou não...

O nobre Vereador Nabil Bonduki, naquele tempo, já estava conosco. Voltou. Que bom que voltou! Trouxe as nobres Vereadoras Keit Lima, Luana Alves e Silvia da Bancada Feminista, esta representada pelo Sr. Aguiar, uma pessoa que nos tratou e, vamos dizer assim, aquilombou-nos, juntou-nos em um momento bem necessário. Não foi, Salete, Lira? Carlota sabe disso. Estamos tendo a mesma conversa de todo ano. E vamos para os encaminhamentos, Carnaval vai e vem e essa Conferência, este documento de seis páginas, não é um documento qualquer. Acredito que temos que retomar e verificar o que pode ser mudado ou acrescentado a partir deste documento da Conferência de 2023.

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) – Obrigado.

Nobre Vereadora Keit Lima.

A SRA. KEIT LIMA – Na verdade, é uma preocupação dentro de um dos

encaminhamentos. Acredito demais que os mandatos são apenas ferramentas que devem ser utilizadas por vocês. Como foi dito, em todas as falas, são vocês que fazem o Carnaval acontecer, que colocam os blocos na rua.

E um dos encaminhamentos que a Alessa trouxe foi sobre a Frente. E, dentro do encaminhamento que a Lira e que algumas outras pessoas de vocês trouxeram, que se reuniram, acho que vocês precisam nos dizer qual é o limite da corda, quais dos Vereadores podemos chamar para essa frente. Acho isso muito importante, trazendo um pouco da preocupação que o Sr. Marcos, do Bloco Fuá, trouxe, porque é dentro dessa articulação: Qual o limite?

Eu concordo com o nobre Vereador Nabil que precisamos ampliar. Mas não acho que sou eu, Nabil, Silvia, ou qualquer outro mandato que tenha que dizer qual é esse limite. São vocês que precisam nos dizer qual é esse limite, porque as consequências disso, o resultado, quem mais vai sofrer serão vocês, para o bem ou para o mal. Por isso coloco essa observação, porque tenho as mesmas preocupações do Sr. Marcos. Acho até que essa preocupação acabou se perdendo.

Há pessoas inimigas do Carnaval, sabemos disso. Temos uma Casa que, em sua grande maioria, odeia o Carnaval e quer fazer palanque sobre esse ódio.

Por isso, antes de avançarmos, e com certeza acho que temos mesmo de caminhar à frente, existem pessoas que são defensoras, independentes se estão no nosso campo e, aí, concordo com o Nabil, mas ainda assim, precisa primeiro vir de vocês do que partir de nós essa decisão.

Quero muito colocar no radar de vocês, dentro do encontro de vocês, a necessidade de fazerem essa discussão e usarem, mesmo, o nosso mandato como ferramenta de articulação, atuante em conjunto. Daí podemos pensar em estratégias e também como se articula dentro desse limite.

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) - Obrigado. Olha, não acho que seja, como a Lira colocou, uma questão dos Vereadores ou da assembleia. Acho que é uma decisão dos blocos. Pessoalmente, acho que é uma boa ideia, mas ela não pode - como alguém falou antes...

Que esse período é o que mobiliza, justamente.

Lembro que fizemos uma reunião com a Silvia, no início do ano, e a mobilização era muito pequena, porque depois do Carnaval o negócio se dissolve. Então, talvez este seja um bom momento para que possamos, justamente com mais mobilização, avançar na discussão.

Não tenho muita ilusão de que consigamos aprovar isso neste ano, mas só de já avançarmos nessa proposta é bom. Acho que podemos ir construindo um texto e uma proposta para frente.

Como sugestão, de posição da Câmara, acho que podemos conversar com os Vereadores que estão conosco e com quem temos trabalhado de uma certa maneira, pois desde o começo do ano estávamos próximos, na retomada da Frente, então é retomar a Frente para então estabelecer quem seriam outros parceiros essenciais para nos fortalecer.

De qualquer forma, quero dizer que é muito significativo os blocos estarem construindo uma certa unidade, porque, senão, ficamos um pouco tímidos. Eu, por exemplo, não encaminhei muitas ideias, neste ano, para esse projeto de lei, porque sentia também que não tinha.... A meu ver, não adianta levar adiante um projeto que não tem o suporte e o apoio dos blocos e não tem uma discussão mais madura. Vai depender muito desse amadurecimento, do trabalho de articulação dos blocos, a possibilidade de adiantarmos um pouco mais este projeto.

E também outro ponto do qual não se falou muito, mas que também devemos interferir, e acho importante os Vereadores interferirem, que é o Guia de Regras. Não gosto desse nome, cá entre nós, mas essa é uma questão de curto prazo. Acho que aí os Vereadores podem atuar no sentido de questionar determinados aspectos, mas também é muito relevante que vocês nos alimentem com quais são as regras.

Algumas estão bem claras, é o caso do horário, está muito claro; a do circuito também. Patrocínio e apoio para os blocos parece igualmente bem clara. Temos de avançar no sentido de entender, e acho que vocês têm mais capacidade, inclusive, de fazer uma espécie de categorização de blocos - vamos chamar assim - ou natureza dos blocos, de modo que possamos pensar em como podemos chegar à Prefeitura para dizer: "Olha, essas regras servem

para os blocos grandes, mas não servem para os pequenos e não devem ser levadas dessa maneira” e, daí, para a frente.

Há uma questão complexa ainda, que vou estudar com o nosso jurídico, que é a do patrocínio e a dos ambulantes.

- Manifestação na plateia.

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) – Também é importante, mas a questão do patrocínio acho crucial para, exatamente, entendermos quais são os limites do que pode haver em termos de cerceamento da liberdade dos ambulantes em poder vender as marcas que quiserem.

- Manifestação na plateia.

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) – Ah, sim. Então, isso é outra questão. Eu entendo que a proibição de novos blocos é o ponto central, porque isso acaba congelando, engessando o Carnaval. E o Carnaval, como manifestação cultural, precisa ter a possibilidade de incorporar novos blocos.

Para concluir, se vocês tiverem condições de organizar essa assembleia, acredito que, como disse a Cleide, possamos dar algum tipo de apoio. Mas entendo que essa é uma decisão e uma ação dos próprios blocos. A partir disso, vocês poderão identificar os pontos que precisam ser alterados no Guia de Regras, para que possamos, inclusive, dialogar com a Prefeitura e avançar nessa discussão.

Como já foi mencionado aqui, a proposta de realizar uma assembleia é dos próprios blocos. Seria importante que saíssemos daqui hoje com algum encaminhamento concreto. Lira, você que fez a proposta, nos diga o encaminhamento que você imagina dar. Primeiro, precisamos saber se todos concordam.

- Manifestações na plateia.

O SR. FÁBIO LOPES – Peço desculpas por pedir a palavra antes, mas, pelo que percebi, acho que todas as lideranças presentes estão de acordo com a proposta da Lira de realização de uma assembleia. A proposta é de um prazo de, no máximo, 15 dias, certo, Lira?

REUNIÃO: 21380 DATA: 30/09/2025 FL: 48 DE 49

Temos, então, uma quinzena para organizar. Acho que já podemos considerar isso como um consenso.

A SRA. LIRA ALLI – Minha proposta é criarmos um grupo de WhatsApp com dois representantes por entidade, responsável por operacionalizar essa organização, inclusive entrando em contato com entidades que não estão presentes hoje, como o Bloco e o Fórum dos Blocos de M'Boi Mirim.

Podemos também mapear outras entidades que não estejam aqui. O critério seria dois representantes por entidade nesse grupo, exclusivamente para organizar a assembleia.

- Manifestação na plateia.

A SRA. LIRA ALLI – Essa minha proposta é só para a organização da assembleia, e a participação nela será para todo mundo. Mas é necessário organizar previamente, porque a expectativa é de receber mais de cem pessoas, o que exige espaço, pauta e estrutura.

- Manifestação na plateia.

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) – Sim. A lista já foi passada aqui?

- Manifestação na plateia.

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) – Claro que vamos disponibilizar.

- Manifestação na plateia.

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) – Sim. Está certo.

Gostaria apenas de acrescentar o seguinte em relação ao projeto de lei: enquanto a assembleia está sendo organizada, seria interessante receber contribuições pela internet. Não sei, Vinicius e Paulo, se é possível abrimos um espaço para que pessoas, coletivos e blocos enviem sugestões, como algumas que surgiram hoje, como a criação de um fórum ou central de imprensa; a proposta mencionada pela Rose – não sei se ela ainda está aqui – sobre a obrigatoriedade de conferências anuais ou bianuais, e também a sugestão que eu mesmo trouxe, da criação de um conselho gestor. São contribuições que podem ser incorporadas ao projeto de lei para avançarmos na construção do texto.

- Manifestação na plateia.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21380 DATA: 30/09/2025 FL: 49 DE 49

O SR. PRESIDENTE (Nabil Bonduki) – Vai haver a assembleia e, depois dela, podemos marcar uma reunião maior. Imagino que a assembleia eleja um grupo de trabalho, com representantes, que, somando essas contribuições, possa avançar para um novo patamar de organização e conteúdo a fim de avançarmos.

Quero, por fim, agradecer muito a presença de todos que falaram, acompanharam e contribuíram. Agradeço também à assessoria e à Comissão. Avançamos mais um pouco hoje.

Muito obrigado.